

Produção de vídeos educativos e literários em Libras

Carlos Eduardo Soares de Barros Guss
Ednalva Gutierrez Rodrigues
Ericler Oliveira Gutierrez



encontrografia

Produção de vídeos educativos e literários em Libras

Carlos Eduardo Soares de Barros Guss
Ednalva Gutierrez Rodrigues
Ericler Oliveira Gutierrez



Copyright © 2026 Encontrografia Editora.

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra sem a expressa autorização da editora.

EDITOR CIENTÍFICO

Décio Nascimento Guimarães

EDITORA ADJUNTA

Carolina Gonçalves Caldas

DESIGN

Diagramação: Nadini Mádhava

Design de capa: Nadini Mádhava

Foto de capa: Freepik.com

REVISÃO

Paula Vigneron

REVISÃO ad hoc

Virgínia Coeli Passos de Albuquerque

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Guss, Carlos Eduardo Soares de Barros
Produção de vídeos educativos e literários em
Libras / Carlos Eduardo Soares de Barros Guss,
Ednalva Gutierrez Rodrigues, Ericler Oliveira
Gutierrez. -- Campos dos Goytacazes, RJ :
Encontrografia Editora, 2026.

ISBN 978-65-5456-175-4

1. Educação 2. Língua de sinais
3. Vídeos - Produção I. Rodrigues, Ednalva
Gutierrez. II. Gutierrez, Ericler Oliveira.
III. Título.

26-352994.1

CDD-419.07

Índices para catálogo sistemático:

1. Libras : Língua brasileira de sinais : Estudo e
ensino 419.07

Livia Dias Vaz - Bibliotecária - CRB-8/9638

DOI: 10.52695/978-65-5456-175-4

encontrografia

ENCONTROGRAFIA EDITORA COMUNICAÇÃO E ACESSIBILIDADE LTDA

Av. Alberto Torres, 371 - Sala 1101, Centro

Campos dos Goytacazes, RJ, 28035-581 | Tel: (22) 2030-7746

www.encontrografia.com | editora@encontrografia.com

Comitê científico/editorial

- Prof. Dr. Antonio Hernández Fernández – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)
- Prof. Dr. Carlos Henrique Medeiros de Souza – UENF (BRASIL)
- Prof. Dr. Casimiro M. Marques Balsa – UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA (PORTUGAL)
- Prof. Dr. Cássius Guimarães Chai – MPMA (BRASIL)
- Prof. Dr. Daniel González – UNIVERSIDAD DE GRANADA (ESPANHA)
- Prof. Dr. Décio Nascimento Guimarães - IFF (BRASIL)
- Prof. Dr. Douglas Christian Ferrari de Melo – UFES (BRASIL)
- Prof. Dr. Eduardo Shimoda – UCAM (BRASIL)
- Prof.^a Dr.^a Emilene Coco dos Santos – IFES (BRASIL)
- Prof.^a Dr.^a Fabiana Alvarenga Rangel – UFES (BRASIL)
- Prof. Dr. Fabrício Moraes de Almeida – UNIR (BRASIL)
- Prof.^a Dr.^a Fernanda Luísa de Miranda Cardoso – IFRS (BRASIL)
- Prof. Dr. Francisco Antonio Pereira Fialho – UFSC (BRASIL)
- Prof. Dr. Francisco Elias Simão Merçon – FAFIA (BRASIL)
- Prof.^a Dr.^a Gisele Pessin - UENF (BRASIL)
- Prof. Dr. Iêdo de Oliveira Paes – UFRPE (BRASIL)
- Prof. Dr. Javier Vergara Núñez – UNIVERSIDAD DE PLAYA ANCHA (CHILE)
- Prof. Dr. José Antonio Torres González – UNIVERSIDAD DE JAÉN (ESPANHA)
- Prof.^a Dr.^a Margareth Vetis Zaganelli – UFES (BRASIL)
- Prof.^a Dr.^a Martha Vergara Fregoso – UNIVERSIDAD DE GUADALAJARA (MÉXICO)
- Prof.^a Dr.^a Patrícia Teles Alvaro – IFRJ (BRASIL)
- Prof.^a Dr.^a Rita de Cássia Barbosa Paiva Magalhães – UFRN (BRASIL)
- Prof. Dr. Rogério Drago – UFES (BRASIL)
- Prof.^a Dr.^a Shirlena Campos de Souza Amaral – UENF (BRASIL)
- Prof. Dr. Wilson Madeira Filho – UFF (BRASIL)

Este livro passou por avaliação e aprovação às cegas de dois ou mais pareceristas *ad hoc*.

Lista de figuras

Figura 1 – Primeiro instituto escolar para surdos no Brasil, fundado em 1857: Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines)	25
Figura 2 – Comemoração de aniversário	25
Figura 3 – Gravação de vídeo por profissional	26
Figura 4 – Avaliação da produção do vídeo	26
Figura 5 – <i>Feedback</i> entre intérprete e professor surdo	27
Figura 6 – Vídeo <i>Que é Arte?</i>	28
Figura 7 – Vídeo <i>Sistema reprodutor feminino</i>	29
Figura 8 – Vídeo <i>Ovulação</i>	29
Figura 9 – Vídeo <i>Sistema reprodutor masculino</i>	29
Figura 10 – Vídeo <i>Menstruação</i>	30
Figura 11 – Vídeo <i>O patinho feio</i>	30
Figura 12 – <i>Print</i> da capa do livro <i>Pinóquio</i>	31
Figura 13 – <i>Print</i> da capa dos livros <i>O encontro</i> e <i>As aventuras de Bambolina</i> .	48
Figura 14 – Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos	52
Figura 15 – <i>Print</i> da gravação da contação da história <i>O encontro</i>	59
Figura 16 – <i>Print 1</i> do vídeo: cena da história <i>O encontro</i>	60
Figura 17 – <i>Print 2</i> do vídeo: cena da história <i>O encontro</i>	60
Figura 18 – <i>Print</i> da gravação da história <i>As aventuras de Bambolina</i>	61
Figura 19 – <i>Print</i> do vídeo: cena da história <i>As aventuras de Bambolina</i>	62
Figura 20 – Celular	68

Figura 21 – Tripé	69
Figura 22 – Kit de iluminação	70
Figura 23 – <i>Chroma Key</i>	70
Figura 24 – <i>Notebook</i>	71
Figura 25 – <i>CapCut</i>	72
Figura 26 – <i>QR Codes</i>	72
Figura 27 – Ambiente de gravação.	73
Figura 28 – Apresentação do professor ou da criança surda	74
Figura 29 – Canva	74
Figura 30 – Canva, insira o livro <i>As aventuras de Bambolina</i>	75
Figura 31 – <i>CapCut</i> , insira o livro <i>As aventuras de Bambolina</i>	76
Figura 32 – PDF do livro	76
Figura 33 – <i>CapCut</i> , insira o vídeo	77
Figura 34 – Vídeo pronto.	78
Figura 35 – <i>CapCut</i> , faça a legenda.	78
Figura 36 – <i>CapCut</i> , faça a revisão do vídeo	79
Figura 37 – Apresentação do autor Michele Iacocca	80
Figura 38 – Contação de histórias em Libras do livro <i>O encontro</i>	80
Figura 39 – Expressões faciais	82
Figura 40 – <i>Print</i> da cena com personagens e objetos da história <i>O encontro</i>	82
Figura 41 – Desenho de expressões faciais para representação de sentimentos	83
Figura 42 – <i>Print</i> de imagens provocadoras de sentimentos	83
Figura 43 – Contação de histórias em Libras do livro <i>As aventuras de Bambolina</i>	86
Figura 44 – Figuras de expressões faciais e classificadores para alunos surdos	87
Figura 45 – <i>Print</i> do vídeo sobre características das imagens	88

Lista de siglas

AEE	Atendimento Educacional Especializado
Gpaes	Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Educação de Surdos
Ines	Instituto Nacional de Educação de Surdos
Libras	Língua Brasileira de Sinais
Lisitufes	Grupo de Estudos e Pesquisas em Língua de Sinais, Interpretação e Tradução da Universidade Federal do Espírito Santo
MEC	Ministério da Educação
PMV	Prefeitura Municipal de Vitória
PPGE	Programa de Pós-Graduação em Educação
Prolibras	Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais
Sedu	Secretaria de Estado da Educação
Seme	Secretaria Municipal de Educação
Ufes	Universidade Federal do Espírito Santo

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	13
PREFÁCIO	15
CAPÍTULO 1. PRODUÇÃO DE VÍDEOS FEITA POR SURDOS, UM ENQUADRAMENTO ESPAÇO-VISUAL	17
História surda	24
Produção de vídeos educativos para surdos	32
Produção de texto em língua de sinais e a criança surda	37
Literatura surda	40
Considerações sobre a metodologia	47
A classe gramatical dos adjetivos.	51
Análise dos vídeos escolhidos.	53
Produção dos vídeos	56
Condições de produção	58
A contação de histórias	59
CAPÍTULO 2. GUIA DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS E ATIVIDADES PARA ALUNOS SURDOS DO 1º ANO E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL	65
Introdução	65
Etapas técnicas para a produção dos vídeos	68

Sequência de Atividades 1	79
Sequência de Atividades 2	85
Referências	90

APRESENTAÇÃO

Recentemente, a educação bilíngue de surdos conquistou uma posição significativa no cenário educacional brasileiro. Fruto do movimento que reconheceu a Língua Brasileira de Sinais (Libras) como língua de expressão, por meio da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que definiu as regras para a construção da educação bilíngue no país, a promulgação da Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021, instituiu a educação bilíngue de surdos como uma nova modalidade da Educação Básica. Nessa conquista a ser comemorada após tantos anos de luta, destaca-se o direito ao uso da Libras como língua de instrução e à aprendizagem do português escrito como segunda língua.

Nesse cenário promissor, vivencia-se uma realidade positiva: a inclusão de professores surdos atuando nas escolas públicas do país. Além da graduação em Letras-Libras, diversos professores surdos estão encontrando, nas universidades, um espaço para a produção acadêmica. As pesquisas celebram a visualidade das pessoas surdas, sua cultura e suas identidades, proporcionando novas descobertas e desenvolvimento do conhecimento a partir de práticas sociais visuoespaciais.

Este trabalho celebra a práxis de um professor surdo, materializada em sua dissertação de mestrado profissional em Educação, defendida na

Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação da professora doutora Ednalva Gutierrez Rodrigues. O mestre Carlos Eduardo Soares de Barros Guss convida-nos a acompanhar, por meio do *Guia de produção de vídeos e atividades para surdos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental*, o processo de criação de vídeos voltados ao público surdo, com ênfase na contação de histórias.

A literatura adquire novos significados por meio da língua de sinais, capturada pela linguagem audiovisual. Esse movimento aponta para um futuro mais inclusivo: um futuro de direitos, de acesso, de enunciados e de construção de propostas que valorizem a cultura surda e a participação das crianças que vivenciam a educação bilíngue de surdos.

**Vitória/ES, agosto de 2025.
Ericler Oliveira Gutierrez**

PREFÁCIO

Este livro tem por finalidade apresentar os resultados de uma pesquisa cujo objetivo foi investigar a produção de um material visual em Língua Brasileira de Sinais (Libras) que represente a identidade do sujeito surdo. Como resultado, propõe-se um guia didático que pode servir de apoio a professores surdos na criação de vídeos voltados ao desenvolvimento linguístico da criança surda. Ressalta-se ainda a importância do processo de criação de novos vídeos em Libras, especialmente por meio da literatura.

Portanto, neste livro, apresentamos nosso percurso investigativo sobre a produção de material em Língua Brasileira de Sinais (Libras), elaborado por professor surdo como apoio à educação bilíngue de surdos. A contação de histórias foi o ponto de partida, e todo o material foi concebido para estudantes do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental, respeitando o nível de aprendizagem exigido e os documentos orientadores para o ensino de Libras voltado a crianças surdas.

Acreditamos que a escolha do texto como unidade de ensino pode contribuir para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação da criança surda, bem como para a ampliação de sua fluência em língua de sinais. Apesar dos avanços observados ao longo dos anos, ainda identificamos carência na produção de vídeos em Libras, na formação de grupos

de teatro de surdos e na promoção de encontros voltados à cultura surda em associações e outros espaços sociais.

Autores como Albres e Saruta (2012, p. 44), ao produzirem um material para o ensino de Libras no contexto da implementação da educação bilíngue, por meio do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, explicam que:

[...] os professores contam com poucos materiais pedagógicos voltados para os alunos surdos e que tenham como língua de registro a Libras”. Por isso sugerem que, além dos materiais convencionais, outros materiais “Podem ser desenvolvidos utilizando a tecnologia, como gravação de vídeos [...].

A partir dessas considerações iniciais, este livro está organizado em dois capítulos. No capítulo 1, discutimos questões atuais relacionadas à educação bilíngue de crianças surdas, com base em uma concepção discursiva de linguagem e nas possibilidades de produção e de uso de recursos audiovisuais nesse processo educativo. Apresentamos os elementos que motivaram a pesquisa, uma breve revisão de literatura que situa nosso trabalho em diálogo com outras pesquisas dedicadas ao estudo da educação de surdos aliada às tecnologias, bem como nossas escolhas teórico-metodológicas. Para a análise dos dados, adotamos os pressupostos do estudo qualitativo e da pesquisa exploratória por meio do estudo de caso. Ainda neste capítulo, discutimos a relação entre a produção de vídeos e a produção escrita de crianças surdas como proposta para o desenvolvimento da leitura e da literatura na educação bilíngue.

No capítulo 2, apresentamos as análises realizadas e o processo de elaboração do *Guia de produção de vídeos e atividades para alunos surdos do 1º ao 5º ano do Ensino Fundamental*, produto educacional exigido como requisito para a conclusão do mestrado profissional. O guia reúne orientações, sugestões e etapas para a produção e a utilização de vídeos de contação de histórias voltados a crianças surdas. Para fins didáticos, o material será apresentado considerando tanto os aspectos técnicos quanto os pedagógicos. A última seção é composta pelas considerações finais, seguida pelas referências.

CAPÍTULO 1.

PRODUÇÃO DE VÍDEOS FEITA POR SURDOS, UM ENQUADRAMENTO ESPAÇO-VISUAL

Atualmente percebemos que a nossa vida está mudando por causa da tecnologia presente nas casas, com jogos, *notebooks* e celulares voltados para redes sociais. Isso possibilita que as pessoas não pensem muito em sair para se encontrar com amigos e se divertir, uma vez que a tecnologia e as redes sociais podem atrapalhar esse convívio. Por outro lado, há um aspecto positivo, pois existe muita informação disponível, e a tecnologia têm contribuído significativamente para a inclusão e o desenvolvimento da comunidade surda.

No campo da educação de surdos, não tem sido diferente. De acordo com nossa revisão de literatura, percebemos, nos trabalhos de Gutierrez (2019, 2022), Lage (2023), Silva (2018) e Hoffmeister, Karipi e Kourbetis (2022), o interesse pela tecnologia na educação de surdos. Gutierrez (2019, 2022), que vem se dedicando a estudar material audiovisual produzido por surdos, por meio da pesquisa qualitativa envolvendo a participação

de estudantes e professores surdos, apresenta-nos a possibilidade de que os sujeitos surdos se tornem autores e criadores de novos produtos com a linguagem contemporânea. No artigo intitulado *Audiovisual produzido por jovens surdos: um roteiro de inclusão e acessibilidade*, Gutierrez (2019) teve como objetivo investigar o protagonismo dos estudantes surdos por meio da análise do telejornal *O jornal do surdo*, realizado pelos estudantes surdos em uma oficina de linguagem audiovisual.

A educação audiovisual mostrou-se um poderoso instrumento de empoderamento e protagonismo dos jovens surdos. Ressaltamos que as características dialógicas e comunicativas são elaboradas na visuoespacialidade, o que impõe alternativas de acessibilidade (Gutierrez, 2019).

Na tese intitulada *A produção de textos audiovisuais por professores surdos*, Gutierrez (2022) teve como objetivo geral analisar a produção de sentidos dos professores surdos no processo de criação de textos audiovisuais. A pesquisadora adotou como referencial teórico a perspectiva da Educomunicação, que propõe um diálogo com a perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana, considerando que os sujeitos podem assumir uma posição no discurso por meio de seus enunciados.

As pesquisas comprovaram que, além de ser um poderoso caminho para a criação de material com a estética surda, a produção audiovisual por e para surdos promove a acessibilidade. Concordamos que buscar o tema da acessibilidade é essencial para a maioria dos surdos, pois o contexto de trabalho é bilíngue. Isso envolve a elaboração de projetos e traduções adequadas. Assim, compreendemos que é importante adaptar novas tecnologias para atender às necessidades sociais dos surdos, pois promover a inclusão, como também “[...] redimensionar as relações de poder, dá às minorias a possibilidade de produzir suas próprias narrativas em imagem e som” (Gutierrez, 2019, p. 3).

Assim como Gutierrez (2019, 2022), também acreditamos que o surdo pode criar materiais audiovisuais com qualidade e acessibilidade a partir da estética surda. Faltam materiais que permitam o estudo independente em casa e promovam a autonomia das crianças surdas. Atualmente, muitas crianças enfrentam dificuldades no acesso a vídeos em Libras, o que

reflete a falta de materiais e produtos em língua de sinais, especialmente histórias baseadas em livros de literatura.

Por exemplo, uma criança ouvinte pode levar um livro de literatura para casa e lê-lo com o apoio da família, que pode contar a história oralmente; mas, no caso das crianças surdas, onde estão esses recursos? Muitas famílias não são fluentes em Libras, o que dificulta tais atividades. É por isso que a produção de materiais em Libras, como vídeos literários, é essencial. Esses recursos ajudam as crianças a compreenderem melhor a língua de sinais e tornam o aprendizado mais acessível e significativo. Eles também oferecem a oportunidade de explorar a literatura de forma visual e bilíngue, conectando a criança à sua cultura.

Silva (2018, p. 20) fez uma pesquisa qualitativa e utilizou a pesquisa-ação como metodologia para “[...] compreender a produção de uma TV pública e bilíngue na internet, no caso a TV Ines [...]”. A pesquisa, intitulada *TV Ines: o protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove inclusão, cultura e língua*, defende que o protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual é fundamental.

É crucial pesquisar como a TV Ines e outras mídias podem se tornar mais relevantes para a comunidade surda, priorizando não apenas informações, mas também aspectos culturais e linguísticos específicos dessa comunidade. Para isso, é fundamental investigar o protagonismo surdo e desenvolver materiais que melhor atendam às necessidades dessa comunidade na mídia. De acordo com a autora, língua e cultura não podem ser separadas, pois estão sempre juntas. Além disso, “[...] a TV Ines é capaz de auxiliar na construção das identidades dos sujeitos surdos que a assistem, bem como na dos que nela trabalham” (Silva, 2018, p. 99).

Esse trabalho representa uma primeira contribuição para a discussão na área da comunicação acessível, sendo a TV Ines pioneira como uma TV bilíngue no Brasil. Além de ser acessível em língua de sinais, a TV Ines fortalece a identidade e a cultura surda.

Os professores surdos também precisam explorar mais o conhecimento sobre a contação de histórias literárias, sobre como contar histórias em

língua de sinais e sobre a própria cultura e identidade surda. Além disso, em comparação com a produção para crianças ouvintes, há uma carência de materiais em Libras, pois, enquanto há muitos livros literários em português para ouvintes, onde estão os materiais para surdos?

Os trabalhos de Hoffmeister, Karipi e Kourbetis (2022) e Lage (2023) são os que mais se aproximam da nossa pesquisa, pois, além de discutirem o desenvolvimento de crianças surdas por meio da aprendizagem da língua de sinais, também abordam o uso da tecnologia nesse processo. Enquanto Lage (2023, p. 1) analisa narrativas “[...] performadas por crianças surdas em vídeos disponibilizados publicamente nas redes sociais Facebook, Instagram e YouTube [...]”, Hoffmeister, Karipi e Kourbetis (2022) investigam o uso/a criação de materiais digitais no apoio ao ensino bilíngue de crianças surdas. Os dois trabalhos têm como ponto em comum a defesa da educação bilíngue como direito da criança surda e a tecnologia como grande colaboradora nesse processo. Além disso, defendem que é fundamental explorar estratégias visuais para o processo de ensino e aprendizagem da alfabetização dessas crianças utilizando materiais didáticos visuais.

Para Lage (2023), a narrativa em língua de sinais se mostrou poderosa para as crianças surdas, porque é importante buscar analisar e compreender a narrativa em língua de sinais, os conceitos de literatura surda, no contexto dos classificadores, expressões faciais, performance e ensino de literatura para crianças surdas. Para Hoffmeister, Karipi e Kourbetis (2022, p. 231):

[...] integrando os princípios da TIC com a LS somos capazes de criar ambientes de aprendizagem ideais que são visualmente acessíveis aos alunos surdos principalmente bilíngues nos quais eles podem compartilhar vantagens de aprendizagem e instrução semelhantes às que alunos ouvintes compartilham.

Concordamos com os autores, pois acreditamos que as tecnologias, principalmente os vídeos, também estão transformando a educação para surdos, tornando o aprendizado mais acessível, flexível e interativo. Nessa direção, observamos o aumento do interesse na produção de vídeos feitos

por e para surdos, seja para discutir os recursos técnicos e gramaticais necessários à produção de provas videossinalizadas (Moran, 2000), seja para apresentar uma proposta de normatização de artigos acadêmicos em Libras (Marques; Oliveira, 2012), seja para conhecer os tipos de gêneros usados por surdos para contar e recontar suas experiências de modo digital (Cardoso, 2016). Nesse contexto, justificamos a importância de criação de vídeos em Libras por professor surdo para apoiar o ensino e a aprendizagem dos alunos surdos, porque também acreditamos que pode ser um material importante de consulta para outros professores que desejarem fazer seus próprios vídeos.

A situação atual nas escolas é que, na maioria delas, ainda há inclusão de ouvintes e surdos juntos e poucas escolas bilíngues. Percebemos que falta interação entre os professores surdos, que não conseguem trocar ideias, dialogar ou trabalhar juntos na criação de várias produções em Libras. Muitas vezes, o professor surdo fica sozinho na escola, sem conseguir desenvolver boas ideias para a produção de materiais, focando apenas em atividades simples para os alunos surdos, sem estratégias mais elaboradas. Isso ocorre porque, em nosso contexto, na escola inclusiva, a maioria dos professores são ouvintes, enquanto há apenas um professor bilíngue e um intérprete de Libras.¹ Não há uma interação maior com outros professores surdos; como seria ideal, com quatro, cinco ou seis professores surdos na escola. Por isso, há falta de informação sobre como criar projetos de produção em Libras.

É necessário estimular o aprendizado visual com a orientação de um professor de Libras. Segundo Perlin (2004, p. 76), “[...] conhece-se e compreende-se a cultura surda como uma questão de diferença, um

1 Atendendo às Diretrizes da Política Nacional de Educação Inclusiva, a Secretaria Municipal de Educação implantou, na rede de ensino de Vitória, em 2008, a Política de Educação Bilíngue para os alunos surdos. Atualmente, sete escolas municipais possuem uma equipe de professores bilíngues, instrutores e professores de Libras, além de tradutores e intérpretes (Libras-Língua Portuguesa-Libras). Essas escolas são referências para matrícula de alunos com surdez. Disponível em: <https://m.vitoria.es.gov.br/semi/rede-municipal-oferece-educacao-bilingue-para-alunos-surdos>. Acesso em: 12 dez. 2024.

espaço que exige posições que dão uma visão do entre lugar, da *différence*, da alteridade, da identidade”. De acordo com Strobel (2008, p 22), “[...] neste caso, a existência de uma cultura surda ajuda a construir as identidades das pessoas surdas dentro da sociedade”. Consideramos que as identidades não são fixas, sendo negociadas nas fronteiras em que atuam os sujeitos surdos e estão imbricadas na cultura (Hall, 2006; Thoma, 2002). Portanto, o professor de Libras serve como um exemplo ou modelo de como ensinar e interagir em Libras, explicando a língua de maneira própria e natural.

Dessa forma, esse professor buscará, em pesquisas, estratégias para explicar em Libras, através do recurso de vídeo e imagens, os conteúdos para o aluno surdo, o que possibilitará seu entendimento de forma clara, pois o conhecimento estará acessível em língua de sinais. Logo, espera-se que o vídeo em Libras, associado às imagens, estimule a interação da criança surda com o conteúdo abordado.

No entanto, o professor surdo deve buscar mais conhecimento e informações na área da tecnologia, além de participar de projetos em diferentes lugares. Isso é essencial para atuar como um profissional capacitado a ensinar e a promover a aprendizagem da criança surda, utilizando, de forma criativa, os recursos visuais na elaboração de vídeos em Libras.

Por exemplo, eu participei da formação do Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Educação de Surdos, Universidade Federal do Espírito Santo (GPAES), na qual estudamos a tradução de Libras em vídeos, como também do Grupo de Estudos e Pesquisas em Língua de Sinais, Interpretação e Tradução da Universidade Federal do Espírito Santo (Lisitufes), focado em estudos sobre tradução e outras informações importantes, o que contribuiu para que eu me tornasse um profissional mais experiente.

Vale ressaltar que esse professor apresenta sua subjetividade atrelada ao ser surdo, sua identidade e cultura própria, o que favorece diretamente o desenvolvimento de sua performance ao traduzir ou criar conteúdos abordados em Libras. Hoffmeister, Karipi e Kourbetis (2022, p. 232) defendem “[...] a importância de sinalizadores nativos surdos e quase nativos como modelos linguísticos para crianças surdas, seus pais e professores”.

Assim, além de problematizarmos a importância do professor surdo na utilização e na criação de recursos visuais, como a estratégia de vídeo, também temos por princípio colaborar com um guia dos passos para produzir e usar materiais visuais com as crianças surdas. Por esse motivo, torna-se importante a utilização da experiência com o trabalho na sala de aula, no contexto do atendimento educacional especializado (AEE). Destaca-se que a interação “docente surdo e criança surda” pode ser ampliada pelo acesso e pela participação de tecnologias acessíveis na sala de aula do AEE. Tais instrumentos estão presentes no cotidiano, facilitando a comunicação, a informação, a interação e a autonomia dos envolvidos. Taveira (2014, p. 70), ao citar Reily (2003, 2006), afirma que:

[...] a criança, em contato inicial com a língua de sinais necessita de linguagem visual com a qual possa interagir para construir significados. Acrescenta-se que nesse processo há, maciçamente, a presença do registro de pensamento por escrito, em murais, quadros e livros da sala de aula. Estes materiais estão em uma língua escrita calcada em som e, para a maioria desses surdos, compreendida como uma segunda língua, uma língua estrangeira.

Assim, a autora defende a importância de ter, na escola e na sala de aula, materiais visuais para que a criança possa construir suas ideias e aprender, pois, assim, será facilitada a compreensão com uma linguagem visual, sendo possível entender os significados na comunidade surda onde vive. Em outras palavras: “Com a linguagem visual, esse processo se daria de outra forma” (Taveira, 2014, p. 70).

Portanto, a partir dessa reflexão, surgiu a ideia de fazer uma gravação de vídeo para Libras para apresentar os significados e permitir a compreensão. Na sala de aula, observamos que os alunos surdos enfrentam dificuldades para acompanhar a leitura de livros didáticos em língua portuguesa. Isso evidencia a necessidade de utilizar uma língua de sinais para explicar os conceitos de forma clara e acessível. Em muitos casos, as crianças têm dificuldades para se expressarem especificamente devido à falta de contato com a Libras em casa, já que seus pais não a dominam bem.

Pesquisas como a de Quadros e Schmiedt (2006) indicam que aproximadamente 95% das crianças surdas têm pais ouvintes. Esse dado reforça o desafio enfrentado pelas crianças surdas no desenvolvimento de sua primeira língua, uma vez que, em grande parte dos lares, a comunicação em Libras não é fluente. Por isso, é essencial que a escola desempenhe um papel ativo na mediação desse aprendizado, oferecendo aos alunos um ambiente rico em Libras, que contribua para sua formação.

Sabemos que, para os surdos, sua primeira língua (L1) é a língua de sinais e a segunda é o português. Quando eu era criança, tive muito contato com Libras, pois meus pais são surdos e conhecem a língua, embora não sejam tão fluentes. Também estudei no Ines, onde havia muitas crianças surdas. A maioria dos professores e coordenadores ouvintes sabia Libras, mas não era fluente. No entanto, eles conseguiam se comunicar bem. Assim, aprendi muito sobre comunicação em Libras e vários sinais: com 24 horas de contato diário, sem passar um minuto sequer sem usá-la. Aprender e estudar Libras é necessário, mas é essencial que os recursos estejam acessíveis para a comunidade surda, que precisa de mais elementos visuais para entender, de forma mais clara, o discurso em língua de sinais.

História surda

A motivação para realizar esta pesquisa parte da experiência de vida de um de seus autores, o professor Carlos Eduardo Soares de Barros Guss, e, por isso, é redigida em primeira pessoa.

Sou carioca, nascido no Rio de Janeiro. Sou surdo e estudei no Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines) desde que comecei a frequentar a escola, do primeiro ao segundo ano de idade. Minha primeira língua é a língua de sinais. Minha família também é surda e estudou no Ines desde a pré-escola e o Ensino Fundamental até o Ensino Médio, com a formação concluída em 2006.

Figura 1 – Primeiro instituto escolar para surdos no Brasil,
fundado em 1857: Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines)



Fonte: Cristiano (2018).²

Figura 2 – Comemoração de aniversário



Fonte: Acervo do autor (1990).

Apreendi muitas coisas na escola bilíngue onde os alunos são surdos e usam a língua de sinais todos os dias. Também participei do curso de assistente para professor em que precisava ajudar enquanto era aluno. Nesse período escolar, eu tive oportunidade de ter contato com vídeos produzidos em Libras, pois, no Ines, havia gravações de vídeo com fábulas, lendas, fantasia, entre outros gêneros que fazem parte da cultura e da identidade surda.

Eu estudei no 2º ano do Ensino Médio e participei de vários cursos que o Ines oferece como opção. Finalizei muitos desses cursos. Eu concluí dois de produção em Libras no ano de 2004: o curso de Iniciação à Interpretação para TV, com carga horária de 178 horas, e o curso de Iniciação à Produção de Vídeo, com carga horária de 144 horas. Por aproximadamente seis meses, reunimo-nos à noite, duas vezes por semana.

2 CRISTIANO, Almir. O que é o INES? Texto disponibilizado em 27 ago. 2018. Disponível em: <https://www.libras.com.br/ines>. Acesso em: 12 dez. 2024.

Figura 3 – Gravação de vídeo por profissional



Fonte: Acervo do autor (2004).

Figura 4 – Avaliação da produção do vídeo



Fonte: Acervo do autor (2004).

Finalmente, assistimos à nossa gravação em Libras na TV, e o vídeo estava pronto! Rimos muito, porque cada um tem seu jeito engraçado. Valeu a pena, aprendi muito com eles. A equipe era incrível! Durante esse período, estávamos observando a apresentação em Libras na TV para avaliar se estava boa ou o que ainda precisava ser ajustado para melhorar nossa equipe. Sempre interagimos e conversamos sobre como apresentar em Libras, contando também com dois profissionais ouvintes responsáveis pela filmagem e produção, além de um intérprete de Libras.

Após a minha formação, fiz o Prolibras³ no Ines, em 2007, e mantenho sempre contato com o povo surdo e a comunidade surda. Depois de conhecer minha mulher, que morava aqui, no Espírito Santo, e é professora de

3 Prolibras era um programa nacional do Ministério da Educação (MEC) que oferecia um exame para certificar a proficiência em Língua Brasileira de Sinais (Libras). Ele foi extinto em dezembro de 2015, pois foi substituído pela criação de cursos de nível superior como Letras-Libras.

Libras, aprendi muitas coisas com ela. Moramos juntos desde 2011, quando comecei a estudar na área da educação e iniciei o curso de Pedagogia. Durante a faculdade, aprendi muito sobre os aspectos pedagógicos. Também fiz um curso de pós-graduação em Libras, em 2017, formando-me professor de Libras.

Comecei a trabalhar na Prefeitura de Vitória (PMV) e na Secretaria da Educação do Estado do Espírito Santo (Sedu/ES). Há 14 anos, sou professor de Libras. Sempre ensino Libras de forma visual, com atividades e produções impressas e gravação de vídeos para crianças surdas, apresentando narrativas de histórias de livros ilustrados. Nessas gravações, apresentamos as imagens dos livros e o texto em português. No entanto, o professor surdo deve buscar mais conhecimento e informações na área da tecnologia, além de participar de projetos em diferentes lugares. Isso é essencial para atuar como um profissional capacitado a ensinar e a promover a aprendizagem da criança surda, utilizando, de forma criativa, os recursos visuais na elaboração de vídeos em Libras.

Por exemplo, em 2020, participei da formação do GPAES, na qual estudamos a tradução de Libras em vídeos no projeto de ensino intitulado *Produção de material audiovisual, em Libras*. O projeto envolveu as áreas de tradução e interpretação em língua de sinais e cinema e audiovisual.

Figura 5 – Feedback entre intérprete e professor surdo



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Nesse projeto, fizemos adaptação curricular do texto *A didática e os sentidos de ensinar* (Cordeiro, 2013) e produzimos um material audiovisual na área da Didática, acessível para estudantes surdos e com deficiência visual do Ensino Superior. Nesse projeto, fizemos seleção dos textos

e materiais, leitura e fichamento dos textos, adaptação dos materiais e produção audiovisual elaborada com áudio e Libras.

Recentemente, tive a oportunidade de participar de outro projeto intitulado *Na palma da mão*, em conjunto com a Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes), em 2020, atuando como professor de Libras no município de Vitória/ES. Nesse projeto, realizamos produções de vídeo em Libras para as disciplinas de Ciências e Artes. Após a edição dos vídeos, apresentei-os para meus alunos surdos, que gostaram e se interessaram pelo conteúdo, pois era um recurso visual.

Figura 6 – Vídeo *Que é Arte?*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Começamos a fazer vídeos de pesquisa sobre Artes, porque há vários tipos; não é apenas um único estilo. É importante levar mais informações, especialmente para crianças surdas, que, muitas vezes, não conhecem completamente o significado de Artes. Por isso, o vídeo vai explicar e detalhar todos os tipos.

Depois, pesquisamos outro tema, Ciências, voltado para o 8º ano. Estudamos bastante e fizemos pesquisas com o intérprete de Libras e com a professora de Ciências. O foco era apresentar os sistemas reprodutores femininos e masculinos. Começamos a treinar e a estudar intensamente antes de ir à Ufes para gravar o vídeo.

Figura 7 – Vídeo *Sistema reprodutor feminino*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Figura 8 – Vídeo *Ovulação*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Figura 9 – Vídeo *Sistema reprodutor masculino*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Figura 10 – Vídeo *Menstruação*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Após finalizar os vídeos, apresentamo-los aos meus alunos surdos. Eles gostaram e demonstraram interesse pelo conteúdo, já que era um recurso visual. Esse conteúdo na palma da mão é incrível! É uma forma de mostrar para toda a comunidade surda como a Libras é rica, resistente e valorizada na produção de materiais em língua de sinais.

No início de 2023, foi realizado um trabalho prático e experimental durante a formação em Libras na Secretaria Municipal de Educação (Seme) da prefeitura de Vitória. O objetivo desse projeto era exemplificar a produção de textos sinalizados em Libras, proporcionando aos alunos uma experiência prática e educativa.

Figura 11 – Vídeo *O patinho feio*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Figura 12 – *Print* da capa do livro Pinóquio



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Depois de preparar uma atividade para a aluna treinar a apresentação de um vídeo com o tema Pinóquio, ela começou uma experiência de apresentação em Libras. O objetivo foi promover um estudo prático para produzir um vídeo simples de contação em Libras. A atividade consistiu em um estudo de caso através de um vídeo conduzido pelo professor de Libras. Após essa demonstração, os alunos foram incentivados a produzir seus próprios vídeos simples como parte da introdução à produção de vídeos em Libras. Um dos vídeos produzidos foi a contação de histórias.

Durante o processo de produção do vídeo, os alunos começaram a estudar a tradução de todo o texto do autor Marica Honora. A gravação foi feita de maneira simples, com os alunos sentados à mesa enquanto sinalizavam e gravavam o vídeo. Essa abordagem prática permitiu que os alunos experimentassem a tradução e a produção de vídeos em Libras, desenvolvendo suas habilidades de comunicação e expressão na língua de sinais.

Além da minha experiência pessoal, acredito que esta pesquisa é relevante pelos motivos já elencados, como o ensino direto na língua de comunicação da criança surda, no caso a Libras, mas também pelo fato de termos vivido um contexto pandêmico da Covid-19, cujo término não conseguimos avistar a curto prazo. Nesse sentido, as produções de vídeo em Libras foram excelentes materiais para serem aplicados no ensino remoto, garantindo que a criança surda com o mínimo de recurso tecnológico pudesse acessar esse material em Libras em qualquer lugar e a qualquer tempo.

Minha experiência trabalhando na PMV e na Sedu revela que, apesar do tempo, ainda precisamos avançar no material disponível para a educação de surdos, como vídeos, impressos coloridos, recursos pedagógicos e outros que são essenciais para que os alunos tenham acesso a uma educação de qualidade. Em muitos casos, os alunos recebem apenas atividades em papel e participam das aulas, mas falta o suporte visual e em vídeo, necessário para o aprendizado prático.

Além disso, a *internet* de qualidade e os computadores são insuficientes. Antes da pandemia de Covid-19, já era perceptível que o acesso à *internet* era lento e os computadores eram, muitas vezes, ineficientes. A pandemia apenas intensificou a percepção de que é necessário um bom acesso à *internet* para o ensino remoto e para a realização de atividades escolares.

No entanto, recentemente, as condições começaram a melhorar, ainda que lentamente. No meu contexto de trabalho, temos acesso a uma *internet* de melhor qualidade e a um *notebook*, pois o governo comprou *notebooks* para todos os professores estaduais. Além disso, foi disponibilizado um auxílio de R\$ 70,00 para ajudar no pagamento da internet em casa. A PMV também emprestou *notebooks* e forneceu 4G para o acesso de *sites* necessários.

Isso me motivou a escolher o tema de estudo sobre criar e produzir gravações de vídeos em Libras como estratégia de uso do recurso visual para a criança surda e a disponibilizar esse material como um guia para ajudar outros professores a produzirem seus próprios vídeos.

Produção de vídeos educativos para surdos

Nesta seção, vamos dialogar com teóricos que podem nos ajudar a fundamentar a nossa pesquisa no campo discursivo e no campo das novas tecnologias. Assim, aproximamo-nos da concepção bakhtiniana de linguagem, que tem como principal expoente Bakhtin (2010) e seus interlocutores. No campo da tecnologia educacional, aproximamo-nos de autores como Moran (2000), Gonnet (2004) e Bévort e Belloni (2009) para compreender os caminhos possíveis para a produção de materiais audiovisuais que permitam um trabalho educativo dialógico e responsivo.

Para refletir sobre o protagonismo surdo nesse contexto de criação, fundamentamo-nos nos conceitos de cultura e identidade surdas.

Na educação, é essencial utilizar materiais e recursos visuais, bem como ferramentas tecnológicas para aprimorar o processo de ensino e aprendizagem. Recursos como gravação de vídeos, computadores, *tablets* e *softwares* educativos são fundamentais (Moran, 2000). O principal objetivo é facilitar o acesso ao conhecimento de forma visual, atendendo às necessidades individuais dos alunos e melhorando a eficácia do ensino.

O uso de vídeos em sala de aula envolve uma história sobre como a relação entre mídia e educação foi se constituindo na história. Na década de 70, os professores passaram a usar vídeos, de forma a ilustrar o conteúdo, mas ainda não havia, por parte dos docentes a descoberta sobre as potencialidades discursivas da mídia. Por um tempo, a escola utilizou vídeos em sala de aula de forma limitada (Bévort; Belloni, 2009; Gonnet, 2004).

Com os estudos sobre mídia e educação, a utilização de materiais audiovisuais passou a fazer parte das pesquisas. Gonnet (2004) orienta sobre a importância de aprender as mídias e seu funcionamento interno como condição para uma vida autônoma. Para o autor, esse aprendizado é igual ao processo de aprender a ler e escrever, pois considera que as mensagens midiáticas podem servir de fonte de saber ou de manipulação. Elas fazem parte da vida e prática social das crianças e dos jovens inseridos na educação. Bévort e Belloni (2009) defendem que a mídia na escola deve ser desenvolvida como ferramenta pedagógica não apenas no sentido técnico, mas ético também, como objeto de estudo conceitual e estético.

Considerado objeto de estudo, o vídeo, além de servir para ilustrar o conteúdo, passou a ser analisado pela linguagem audiovisual com sua gramática. Nessa direção, ele começou a ser reconhecido em seu potencial discursivo, enunciativo e de criação. A partir da década de 80, intensificando-se na década de 90, diversos projetos de mídia e educação passaram a pesquisar a recepção crítica da mensagem e propostas de produção audiovisual, feita por professores e por alunos, no sentido de descobrirem como a linguagem do vídeo poderia ser elaborada na escola, para além da indústria cultural. Com isso, o campo de integração entre

mídia e educação se desenvolveu com propostas mais sérias, direcionadas ao protagonismo de professores e alunos.

Moran (2000) contribui para esse cenário, discutindo a apropriação de vídeos em sala de aula. É importante destacar que o autor fundamenta a proposta de utilização de vídeos em sala de aula pelo viés da mediação. Dessa forma, os vídeos não são apenas recursos tecnológicos; eles são considerados principalmente pelo viés da linguagem. Dessa forma, Moran (2000) apresenta uma lista de possibilidades para incorporar o vídeo em sala de aula, deixando explícito que, para todas elas, o papel do professor é fundamental, selecionando, refletindo, planejando os processos de ensino e aprendizagem, apropriando-se das linguagens midiáticas para criar um ambiente de criação e de aprendizagem significativa.

Para Moran (2000), as atividades didáticas para os alunos são fundamentais, pois ensinar conhecimentos aplicáveis à vida é de extrema importância. Isso contribui para que os estudantes desenvolvam habilidades que impactarão sua vida futura, tanto no âmbito profissional quanto ético. Assim:

No ensino, organiza-se uma série de atividades didáticas para ajudar os alunos a compreender áreas específicas do conhecimento (ciências, história, matemática). Na educação, o foco, além de ensinar, é ajudar a integrar ensino e vida, conhecimento e ética, reflexão e ação, a ter uma visão de totalidade. Educar é ajudar a integrar todas as dimensões da vida, a encontrar nosso caminho intelectual, emocional, profissional, que nos realize e que contribua para modificar a sociedade que temos (Moran, 2000, p. 12).

Concordamos com Moran (2000) sobre a necessidade de repensar a qualidade educativa. No caso da educação de surdos, a qualidade do ensino passa por produzir materiais adequados, por realizar cursos de formação de professores nas faculdades e outras modalidades de ensino. Embora haja diferentes experiências de ensino de qualidade, ainda há uma grande carência de tecnologias no ambiente educacional, o que

precisa ser transformado. É essencial buscar soluções para melhorar a qualidade em muitas escolas que enfrentam diversas barreiras e desafios.

Muitas pessoas que falam sobre qualidade têm uma boa imagem do que seria ideal para os surdos. No entanto, a realidade mostra que é necessário mais investimento em tecnologia de qualidade para os surdos dentro das escolas municipais, estaduais e outras instituições. Embora existam algumas iniciativas, ainda são poucas as produções em vídeo que realmente mostram a importância da tecnologia na educação dos surdos. É fundamental que essa tecnologia seja amplamente divulgada e utilizada, pois ela enriquece significativamente a educação.

Acreditamos que os alunos surdos podem vivenciar o processo de ensino e aprendizagem, apropriando-se de vídeos visuais em Libras. Nessa direção, escolhemos realizar a pesquisa por meio da contação de histórias, fundamentada na concepção bakhtiniana da linguagem como discurso, que defende uma educação baseada na capacidade das crianças de contarem e recontarem suas experiências (Rodrigues, 2009). Defendemos a relação entre produção de vídeos e literatura a partir da percepção de que, nas escolas, as bibliotecas têm literatura para que as crianças ouvintes leiam em português. Mas e os surdos? Que tipo de acessibilidade permite às crianças surdas o acesso à literatura?

O aluno surdo tem dificuldade de ler o português por ser sua segunda língua, pois ouvintes produzem história para outros ouvintes, mas não há língua para surdo. É necessária formação bilíngue na escola, mas falta material de Libras em vídeo. Então, assim como pessoas ouvintes que perpassam pelo processo educacional com acesso a conteúdo e informações em sua primeira língua, o mesmo processo deveria acontecer com as pessoas surdas. Acreditamos que o espaço escolar precisa garantir aos estudantes surdos condições de se desenvolver a partir do respeito à sua cultura e sua língua durante todo o processo educacional (Barros, 2023).

Concordamos com Barros (2023), pois é importante que a criança surda tenha acesso à Libras, na escola. É essencial que haja um professor de Libras para ensinar e interagir com os alunos, garantindo que a criança acompanhe e desenvolva sua identidade e cultura durante o processo de

aprendizado. Devemos assegurar que as crianças surdas tenham acesso a esse processo nas escolas. A contação de histórias é uma excelente ferramenta para isso. Ela oferece um contexto visual com imagens, facilitando a compreensão e o desenvolvimento da expressão em Libras.

É necessário pensar em ações que integrem as crianças surdas não apenas no ensino de português — ou seja, pelo acesso aos textos escritos —, mas também considerando sua visualidade, sua primeira língua — a Libras —, considerada língua de instrução, e suas necessidades em todos os espaços escolares. É importante que crianças surdas pratiquem a expressão em Libras, e o recurso do vídeo representa um recurso singular para captação da imagem em movimento, característica da modalidade espaço-visual da Libras.

Por meio da contação de histórias, a criança consegue criar textos em Libras. Assim, questionamo-nos sobre a diferença entre trabalhar palavras, sinais ou frases e trabalhar com textos completos. Acreditamos que ensinar apenas sinais de forma isolada não é suficiente para crianças surdas que ainda não conseguem se expressar bem em Libras. Isso acontece porque, sem o contexto visual de uma história, os sinais perdem significado. Por isso, trabalhar com textos e contação de histórias é fundamental. Esses recursos ajudam a criança a se expressar melhor em Libras, além de ampliar seu conhecimento e vocabulário de forma significativa.

Se não fosse por esse recurso, de onde mais receberia tantas informações? As imagens também desempenham um papel fundamental nesse processo. Para Bakhtin (2010), um texto está sempre em diálogo com outro texto, seja escrito, seja imagético. Assim, as crianças surdas podem criar e produzir outros textos por meio da língua de sinais e das imagens. A esse respeito, aprofundaremos a análise no referencial metodológico.

Nosso objetivo vai além da produção de vídeos com histórias sinalizadas. Buscamos avançar no sentido de oferecer atividades que incentivem o discurso e estimulem a criatividade, proporcionando um ambiente em que as crianças possam não apenas receber as histórias em língua de sinais, mas também criar e contar suas próprias histórias em Libras a partir dos vídeos sinalizados, em um movimento dialógico, social e polifônico.

Nesse contexto, qual o papel do professor para que a criança surda faça textos em língua de sinais? Acreditamos que o papel do professor na contação de histórias é fundamental para que crianças surdas recebam mais estímulos linguísticos. Por meio da expressão facial, corporal e do uso de textos em Libras, o professor ensina como se comunicar melhor. Isso é essencial para que a criança comece a desenvolver sua capacidade de criar textos em língua de sinais.

Produção de texto em língua de sinais e a criança surda

A criança surda deve ter contato com o adulto surdo para se apropriar da língua de sinais, aprender novos sinais, vocabulários próprios da Libras e obter mais informações a partir da sua curiosidade. A experiência do adulto surdo pode ajudar a criança a receber melhor as informações. Nesse caso, crianças adquirirão mais rapidamente a sua língua própria, a saber, Libras.

Nosso trabalho na produção de materiais em Libras tem como objetivo ajudar crianças surdas a aprender com professores surdos, que mostram como a língua de sinais é construída. Através de textos em sinais e imagens, as crianças recebem informações de forma visual, complementadas por materiais e diálogos apresentados em vídeo. Isso auxilia no desenvolvimento do pensamento e na compreensão de histórias contadas em Libras. Após assistirem às histórias, as crianças podem dialogar sobre o que aprenderam e se expressar em Libras, fortalecendo suas habilidades linguísticas. Para Bakhtin (2010), a linguagem é fundamental para a interação entre as pessoas, permitindo o diálogo entre o locutor e o ouvinte.

A comunicação é uma experiência compartilhada em que eu e o outro construímos juntos o significado. Além disso, o diálogo em grupo fortalece as relações e contribui para o desenvolvimento da linguagem. Para Bakhtin (2010, p. 117), o pensamento não é exclusivamente individual, mas se forma principalmente através do diálogo com os outros:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato que precede de alguém, como pelo fato de que se dirige para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do

locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra defino-me em relação ao outro, isto é, em relação à coletividade.

A comunicação entre pessoas ocorre porque cada um tem uma vivência linguística diferente, sendo que, através do diálogo, é possível compartilhar aquilo que o outro ainda não conhece. É nesse processo que se dá o desenvolvimento. Além disso, também acreditamos que as crianças surdas podem dialogar com os textos, as imagens e os autores de literatura.

A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor. Mas como se define o locutor? Com efeito, se a palavra não lhe pertence totalmente, uma vez que ela se situa numa espécie de zona fronteira, cabe-lhe, contudo, uma boa metade (Bakhtin, 2010, p. 117).

Há de se concordar com Bakhtin (2010) quando afirma que, ao nos apoiarmos no outro, aprendemos a trocar conhecimentos e palavras, adquirindo novas informações e perspectivas. Assim, qual é a palavra da criança surda? Ela pode dar opinião? Contar alguma experiência?

Como relatado sobre a experiência profissional como professor no AEE, iniciamos a produção independente, criando nossos próprios vídeos em Libras no trabalho em escola da prefeitura de Vitória. Algumas atividades foram feitas filmando alunos que contavam histórias em Libras a partir de histórias sem texto. No início, os alunos se expressavam de forma independente, porém, antes da gravação, eu ensinava, corrigia os sinais e depois deixava que se apresentassem sozinhos. A filmagem era feita com um tripé, usando uma parede de cor verde ao fundo, pois isso facilita a edição ao remover o fundo na pós-produção. Nessa sala, há o suporte de um intérprete de Libras e um professor de Libras para garantir que os alunos possam acompanhar o conteúdo junto com seus colegas.

Este foi um trabalho significativo, pois mostrou que a criança surda pode ser parte de um projeto para a criação de um vídeo e se destacar como protagonista. Ela pode se expressar em Libras, utilizando sua própria maneira de falar e inventando sinais, sempre mantendo o contexto da história. Esse processo criativo permite que ela mostre sua personalidade e suas habilidades de comunicação em Libras de maneira autêntica. Após a gravação, foram adicionadas legendas em português para tornar o vídeo acessível a um público mais amplo.

Percebemos que a produção do vídeo apresenta vários desafios para os alunos. O processo de filmagem e gravação, que incluía o uso de equipamentos como tripé e parede verde para a edição profissional, era algo completamente novo. Essa experiência, semelhante à de uma profissional de vídeo, exigiu que as crianças surdas aprendessem a lidar com o nervosismo e a necessidade de refazer gravações quando necessário. Cada etapa do processo, desde a preparação do cenário até a interpretação diante das câmeras, foi uma oportunidade de aprendizado e desenvolvimento de novas habilidades. Rodrigues (2009, p. 145), ao investigar a alfabetização de crianças surdas, afirma que:

[...] a respeito da criação literária na idade escolar, podemos afirmar que o grau de desenvolvimento e domínio da produção de texto em crianças surdas está diretamente relacionado com a qualidade da mediação do professor em proporcionar a elas o acúmulo de experiências linguísticas significativas que servirá de ponte para aprendizagens futuras.

Nosso papel como professor de Libras foi fundamental na produção do vídeo, orientando e apoiando os alunos em todas as etapas, desde coordenar a filmagem, garantir a clareza na expressão dos sinais e na narrativa da história até supervisionar a edição final do vídeo. O projeto não apenas destacou as habilidades em Libras dos alunos surdos, mas também promoveu a inclusão e a visibilidade da comunidade surda, demonstrando a importância de oferecer oportunidades e suporte adequados para que os alunos surdos possam se expressar e participar ativamente de atividades escolares e culturais. Promover conversas em língua de sinais “[...] pode

contribuir para a formação da identidade das crianças, na medida em que é um espaço que possibilita a expressão de sentimentos, de desejos, de pensamentos, etc.!” (Rodrigues, 2009, p. 151).

Por isso, acreditamos que nossa responsabilidade é muito grande. Rodrigues (2009, p. 151) afirma: “O professor precisa estar atento ao criar essas condições de interlocução, convidando o aluno a ampliar os sentidos de um diálogo, provocando o relato de outras experiências, enfim, possibilitando que o aluno se torne autor do seu discurso”. Por exemplo, na gravação do vídeo *Folha*, de Stephan Michael King, uma aluna ficou muito feliz por se apresentar em Libras. Depois, mostramos o vídeo em outras escolas com alunos surdos. Ela também participou de uma palestra na Secretaria de Educação de Vitória (Seme), quando falou sobre como aprender e agir em Libras.

Além disso, os livros tiveram registro com códigos QR em Libras e legendas. Esse registro é importante, pois produzir em Libras pode ajudar outros a se tornarem mais independentes e adquirirem autonomia ao assistir vídeos em Libras.

Literatura surda

É importante destacar que a criação de material em língua de sinais contribui para o desenvolvimento das crianças surdas, que podem interagir com histórias em sua primeira língua. Consideramos que a língua de sinais possibilita “[...] a expressão total do indivíduo enquanto pessoa, que sente, pensa e age. Possibilita discutir os mais abstratos conteúdos, sentimentos, negócios, independentemente da área do conhecimento” (Carvalho, 2011, p. 2). De acordo com a afirmação da autora, a Libras é uma língua que possibilita, para cada indivíduo surdo, uma comunicação completa capaz de interagir e que expressa ideias, pensamentos, opiniões, promovendo, assim, autonomia para esclarecer o que se entende em qualquer área de conhecimento.

Desde a regulamentação da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, a Libras passou a ter um reconhecimento formal no nosso país, o que facilitou o acesso e o aprendizado dessa língua, visto o que versa a lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados. Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais – Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem [sic] um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil (Brasil, 2002, art. 1).

Nesse sentido, com o reconhecimento da Libras como meio legal de comunicação e expressão, o ensino e a aprendizagem dessa e nessa língua alcançaram outros espaços além da comunidade surda, como as escolas, por exemplo. Ter um professor surdo nas escolas com alunos surdos também é uma garantia do ensino e da difusão da Libras.

O professor de Libras deve criar estratégias para ensinar sinais, expressões faciais e corporais, como também a maneira correta de se apresentar em vídeos. É importante que o professor mostre aos alunos surdos como fazer um modelo de apresentação em Libras em vídeo, especialmente em trabalhos bilíngues. Por isso, o professor de Libras que tem experiência em produção e edição pode ajudar muito no desenvolvimento dos alunos.

Consideramos que os vídeos em Libras se constituem em recursos potentes para a efetivação da educação bilíngue no que se refere ao desenvolvimento linguístico, à preservação da cultura surda e à representação social adequada sobre as identidades surdas. Conforme apontam Perlin e Strobel (2014, p. 25), duas autoras surdas, “[...] a cultura surda é o padrão de comportamento compartilhado por sujeitos surdos na experiência trocada com os seus semelhantes quer seja na escola, nas associações de surdos ou encontros informais”. A cultura surda é uma referência única de vida e possui um valor imensurável, especialmente por meio das expressões artísticas que se desenvolvem dentro da comunidade surda.

A importância da cultura surda está diretamente ligada à riqueza dessas manifestações culturais e ao uso da língua. A língua de sinais, como a Língua Brasileira de Sinais (Libras), é uma forma de comunicação visual

que utiliza imagens, materiais e vídeos para transmitir informações. É por meio dessa língua que a identidade surda se fortalece, sendo uma característica fundamental da cultura. Por isso, é importante que o professor surdo produza vídeos em Libras para apresentar a língua de forma fluente. Dessa maneira, os alunos podem aprender novos sinais, absorver a cultura própria dos surdos e ter acesso a esse conteúdo de forma mais autêntica.

Além disso, a cultura surda é ricamente expressa em diferentes áreas, como o teatro, o cinema e as artes visuais. Essas produções artísticas não apenas celebram a língua e a identidade surda, mas também promovem um espaço de pertencimento e valorização para a comunidade. É fundamental considerar e respeitar a singularidade da comunidade surda, valorizando sua língua, sua identidade e sua cultura. Promover a inclusão e a compreensão significa garantir que a língua de sinais seja reconhecida como um direito linguístico e cultural, criando espaços mais acessíveis. Ainda há necessidade de destacar a riqueza e a essencialidade da língua de sinais dentro das escolas.

Precisamos ensinar utilizando estratégias visuais mais eficazes para crianças surdas. É fundamental também que a sociedade e as escolas reconheçam a importância da produção em Libras, especialmente na contação de histórias. Assim como conhecer livros em português, também recomendamos ter materiais de literatura em Libras. Precisamos ver a Libras como uma língua distinta e poderosa, e as escolas bilíngues devem mostrar seu valor, reconhecendo-a como uma língua legítima.

Nesse contexto a literatura surda, por meio das contações de histórias em Libras, precisa continuar a ganhar espaço e reconhecimento. A literatura em Libras tem sido amplamente discutida por diversos autores, como Karnopp (2010), Silva (2015), Rosa (2011) e Sutton-Spence (2021), que analisam sua importância como forma de expressão na língua de sinais. Esses pesquisadores destacam como a literatura em Libras permite a construção de narrativas visuais e sinalizadas, explorando características dos personagens e elementos próprios da cultura surda.

A produção literária em Libras é essencial para fortalecer a identidade de surda, garantindo que a realidade e as experiências dos surdos sejam

representadas de forma autêntica. Além disso, essa literatura valoriza a comunicação em Libras como meio natural de expressão, contribuindo para a preservação e a disseminação da cultura surda.

Os sinalizantes usam certos sinais para mostrar algo visualmente e assim eles “dizem ao mostrar” ou “mostram enquanto contam”. Isso é importante para nossa discussão sobre a literatura em Libras e a estética da sinalização. Os sinais que têm a intenção de ilustrar têm sido chamados por Cuxac de **estruturas altamente icônicas**. As estruturas altamente icônicas ocorrem em muitos tipos de discursos e são especialmente importantes para a literatura porque o foco da sinalização estética geralmente é criar imagens visuais (Sutton-Spence, 2021, p. 50).

Concordamos com Sutton-Spence (2021) quando afirma que, na literatura em Libras, a comunicação ocorre de maneira predominantemente visual e espacial, diferenciando-se da literatura escrita, que se baseia em palavras e textos. Os sinalizantes empregam sinais específicos para representar elementos narrativos, tornando as histórias mais concretas e acessíveis para a comunidade surda. Essa abordagem é fundamental para a estética da literatura em Libras, pois possibilita uma narrativa mais envolvente ao explorar expressões faciais, movimentos corporais e classificadores, enriquecendo a representação de personagens e cenários.

Os professores surdos precisam desenvolver propostas que respeitem a forma natural de expressão da comunidade surda, possibilitando que crianças surdas aprendam Libras de maneira fluente. A construção de narrativas em Libras deve enfatizar o uso da expressão facial e corporal, elementos fundamentais para a contação de histórias. Dessa forma, as crianças poderão não apenas compreender as histórias, mas também aprender a produzi-las e a narrá-las com clareza e coerência.

A Literatura Surda, quando produzida por um próprio surdo, torna-se diferente das produzidas por pessoas ouvintes. Isso se dá porque o surdo é aquele que vivencia as experiências surdas, sua

cultura e a Libras. Por mais que o ouvinte seja fluente na Libras, tenha conhecimento sobre a Cultura Surda e participe ativamente da comunidade, ele vai ter experiências diferentes que o surdo vivencia. Por isso, o surdo, geralmente, tem capacidade de produzir histórias que serão mais facilmente absorvidas e compreendidas por outros surdos, além de contar experiências com as quais outros surdos facilmente irão identificar-se (Rosa, 2011, p. 43).

Para Rosa (2011), a produção literária de surdos não se limita apenas ao uso da Libras, mas também à expressão autêntica de suas vivências, seus desafios e suas percepções do mundo. A literatura surda, quando criada por surdos, não é apenas um reflexo de sua capacidade linguística, mas, sim, uma representação da identidade e da cultura surda. Enquanto os ouvintes, mesmo fluentes na Libras, podem compreender a língua e produzir cultura, a experiência vivida por eles nunca será a mesma de alguém que nasceu e cresceu surdo.

Essa diferença acarreta um olhar único para as produções literárias surdas, que, frequentemente, utilizam simbolismos, expressões culturais e histórias que só fazem pleno sentido para quem vivencia a realidade surda. Dessa forma, a literatura surda serve como um poderoso meio de comunicação com que os surdos não apenas se identificam, mas no qual também se veem representados em suas realidades e histórias. Essa produção literária se torna uma ferramenta essencial para fortalecer a autoestima e o pertencimento da comunidade surda, ao mesmo tempo que promove o reconhecimento e a valorização da língua e da cultura surda.

Ao construir histórias para surdos, é importante lembrar que a narrativa não deve apenas ser um exercício de tradução, mas, sim, uma criação que ressoe com as experiências e vivências de quem compartilha essa realidade. A literatura de surdos tem a capacidade de tocar, de maneira mais profunda, outros surdos, criando um elo de identificação e compreensão que vai além das palavras e se conecta com a essência cultural da comunidade. Aqui, no Espírito Santo, a Ufes é uma referência em literatura surda. Por meio do projeto Lisitufes *Mão de Palmas*, Silva (2015) estimula

a prática de apresentação e a narrativa de histórias de diversas formas pelos estudantes do curso Letras-Libras, tornando o aprendizado ainda mais enriquecedor.

No *YouTube*, a autora criou um acervo em que há materiais em Libras, com vídeos em que professores surdos contam diferentes histórias. Esse trabalho é muito importante, pois contribui para a criação de mais conteúdos visuais em Libras. Para a autora, os livros de literatura são instrumentos essenciais na formação de leitores. Isso se reflete em ações como o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE) e o Pacto Nacional pela Educação na Idade Certa (PNAIC), que enviaram livros de literatura infantil para as escolas. A literatura desempenha um papel ainda mais crucial no caso dos alunos surdos, especialmente quando se consideram as políticas públicas que buscam promover o acesso à leitura em suas diversas formas. No contexto da educação bilíngue, que envolve a Libras como primeira língua e o português como segunda língua, a presença de livros que contemplem a cultura surda e as vivências dessa comunidade se torna vital.

Esses livros não são apenas recursos pedagógicos, mas também ferramentas de fortalecimento da identidade cultural surda. Ao promoverem a leitura de livros em Libras ou de autores surdos, as escolas não apenas garantem acesso à literatura, mas também proporcionam um espaço de identificação para os alunos surdos, contribuindo para a construção de sua autoestima e compreensão de sua cultura. Assim, a literatura surda se torna um elo de conexão e pertencimento, um recurso indispensável para a formação de leitores críticos e conscientes da sua identidade.

É importante que o professor surdo produza vídeos em Libras para apresentar a língua de forma fluente. Os alunos podem aprender novos sinais, absorver a cultura própria dos surdos e ter acesso a esse conteúdo de forma mais autêntica. “Com os Estudos Culturais aproximamos os Estudos Surdos para compreender as práticas culturais e sociais na constituição identitária de sujeitos surdos, e analisamos as atribuições de significados dessas práticas em seu cotidiano” (Strobel, 2008, p. 23).

A identidade surda refere-se à acessibilidade e ao uso da língua de sinais, como a Libras, além do envolvimento com a cultura, a língua e a

comunidade surda, que são características marcantes dessa identidade cultural. Para muitos surdos, a língua de sinais é vista como sua língua natural e preferida, sendo uma forma essencial.

A língua de sinais é valorizada como uma expressão rica e visual, com uma gramática e estrutura próprias, sendo muito mais do que apenas um meio de comunicação: é um elemento central da identidade surda. O orgulho pela língua e pela cultura surda, frequentemente, envolve a celebração das conquistas da comunidade, muitas vezes, alcançadas por meio do compartilhamento.

A surdez de cada pessoa é única, e a identidade surda pode variar significativamente de uma pessoa para outra. Reconhecer e respeitar essa diversidade dentro da comunidade surda é essencial para promover uma sociedade mais inclusiva, que valorize tanto a surdez quanto as identidades surdas em suas diferentes formas.

Para os surdos, uma questão de relações entre os surdos e de relações com outros grupos humanos está em ser surdo. É na pertença ao povo surdo que acontece um processo para a constituição de dinâmicas de poder: identidade, língua de sinais, políticas surdas, cultura surda, artes surdas. Para essa afirmativa, valem os avanços presenciados no ambiente dos surdos, ou seja, os avanços nos campos da educação bem como o avanço sócio-cultural-linguístico que temos alcançado, os novos rumos, graças às pesquisas iniciadas e inclusive as com presença de pesquisadores surdos (Perlin, 2003, p. 117).

Concordamos com Perlin (2003) quando enfatiza que ser surdo é uma questão central nas relações entre os próprios surdos e com outros grupos humanos e que a pertença ao povo surdo é essencial para a constituição de dinâmicas de poder relacionadas à identidade, à língua de sinais, às políticas, à cultura e às artes surdas.

Considerações sobre a metodologia

A pesquisa exploratória tem como objetivo compreender e experimentar diferentes possibilidades na produção de vídeos em Libras, com o objetivo de identificar práticas, ferramentas e abordagens eficazes para criar materiais acessíveis e de qualidade. O foco está em explorar como organizar e apresentar conteúdos em Libras de forma clara e visualmente compreensível, evitando falhas que comprometam a comunicação. A pesquisa exploratória também busca propor estratégias que sistematizem a produção audiovisual em Libras, contribuindo para a organização e o aprimoramento de materiais voltados à educação e à comunidade surda.

Gil (2002) afirma que pesquisas exploratórias têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, tornando-o mais explícito e auxiliando na construção de hipóteses ou no aprimoramento de ideias. Essa característica é fundamental para estudos que buscam explorar novos caminhos, como a pesquisa sobre produção de vídeos em Libras.

Neste livro, apresentamos a pesquisa qualitativa na modalidade estudo de caso como proposta metodológica pelo fato de que nossa investigação tem como foco compreender o processo de produção de material visual, considerando o público a ser atingido e como essa produção pode impactar a comunidade surda em geral. Dessa forma, o estudo de caso se torna mais adequado.

Para Gil (2002), o estudo de caso é uma modalidade de pesquisa que possibilita uma análise profunda e detalhada de um ou poucos objetos. Essa abordagem é especialmente relevante quando o objetivo é obter um conhecimento amplo e específico sobre um fenômeno, algo que dificilmente seria alcançado com outros tipos de pesquisa.

Portanto, sobre a produção de vídeos em Libras, o estudo de caso se mostra essencial, pois permite investigar minuciosamente o processo de criação, organização e apresentação de materiais visuais voltados para a comunidade surda. Essa metodologia possibilita identificar desafios, práticas e soluções específicas que podem ser aplicadas em contextos similares. O material utilizado foram os livros sem texto *O encontro* e *As*

aventuras de Bambolina, ambos de Michele Iacocca, cuja reprodução foi autorizada pelo autor.

Figura 13 – *Print da capa dos livros O encontro e As aventuras de Bambolina*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

A nossa escolha pela literatura com história sem texto foi feita porque acreditamos que é muito importante que as crianças surdas tenham acesso a histórias contadas por meio de imagens, sem a presença de texto escrito. Ao utilizar desenhos e elementos visuais, as crianças podem acompanhar a narrativa de forma mais intuitiva, envolvendo-se com a história através do pensamento visual. Isso pode ajudar a reduzir a pressão e o conflito que o texto em português pode causar e, muitas vezes, é mais difícil de compreender.

Não é de hoje que editoras inglesas, japonesas, americanas, alemãs e outras colocam nas estantes de livrarias de todo o mundo belíssimas publicações totalmente sem texto, ou melhor, com narrativa apenas visual, onde toda a história é contada através de desenhos ou fotos, sem nenhuma palavra. Também existem livros em que algo do que foi desenhado se move pela página, e outros em que há partes recortadas, permitindo que se formem figuras novas e divertidas ou cenários diversificados (patas de gato, cabeça de avestruz e corpo de elefante... ou telhado de casinhola com portão de castelo, e por aí vai, vai...), para encantamento e fascinação completa da criança (Abramovich, 2009, p. 26).

O desenho pode ajudar a desenvolver a habilidade de expressão do pensamento, assim como acontece em histórias contadas em Libras. Os ilustradores sabem como expressar os sinais no contexto da história e têm um conhecimento profundo sobre como utilizar as páginas do livro para enriquecer a narrativa.

Sim, mas além do talento gráfico desses desenhistas, é importante perceber sua habilidade para construir toda uma narrativa sequenciada, completa, sem precisar de palavras. Sua capacidade de contar uma história de modo ágil, vivo, usando traços moventes, conhecimento da cor e domínio da página, das páginas, do livro como um todo. De maneira harmônica, bonita, inteligente e cativante (Abramovich, 2009, p. 32).

Quando professores surdos que possuem fluência em Libras participam, a qualidade da narrativa é aprimorada. É importante ajudar a criança surda a compreender o contexto em textos para que ela consiga se expressar melhor em sinais.

Para professores de Libras, a produção em língua de sinais, também precisa ter uma boa qualidade visual, com imagens grandes e claras, para que as crianças surdas possam assistir com conforto. Se a qualidade visual for ruim, isso pode prejudicá-las, ao contrário das crianças ouvintes, que, além das imagens, conseguem ler o português confortavelmente e corrigir erros sem dificuldades. É essencial que a qualidade visual seja garantida para que não haja prejuízo em nenhum dos dois aspectos.

Para o professor é uma função como ensinar e incentivar a contação de histórias para os alunos surdos que a partir da leitura de imagens com desenho, com LIBRAS e com Língua Portuguesa passa a saber quais são os tipos de gêneros literários, entender e conhecer o estudo do processo dos significados de cada gêneros literários, para professor deve produzir e criar as atividades lúdicas, gravação em LIBRAS, jogos da LIBRAS e da Língua Portuguesa, o processo que as crianças surdas podem desenvolver com a

alfabetização e letramento sobre a proposta de literária (Lage, 2023, p. 93).

Promover contações de histórias em Libras é essencial para uma sociedade mais inclusiva. Essas iniciativas ajudam a quebrar barreiras de comunicação e a construir uma ponte entre as comunidades surdas. Elas mostram que todas as crianças, independentemente de sua capacidade auditiva, merecem ter acesso a histórias que inspirem e encantem. Através da contação de histórias em Libras, também se valorizam a cultura e a identidade da comunidade surda. A história de vida, através das expressões faciais e movimentos corporais do contador de histórias, proporciona uma experiência rica e envolvente. Abramovich (2009, p. 143) afirma que, ao ler uma história, “[...] a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí, ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar [...]”.

Para orientar o conteúdo dos vídeos, adotamos como referencial curricular as Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos na Prefeitura de Vitória.⁴ Os objetivos de aprendizado em Libras no Ensino Fundamental são descritos em documentos que explicam como os conteúdos devem ser combinados para crianças surdas. Em nossa pesquisa, apresentamos uma proposta de ensino de produção de texto em língua de sinais e do componente curricular dos adjetivos.

Tendo como foco o Ensino Fundamental, foram criadas, em Libras, duas produções de vídeo. Uma para o 1º ano e outra para o 5º ano. As duas apresentações foram feitas de maneiras bem diferentes, com uma abordagem mais básica para o 1º ano e uma mais avançada para o 5º ano, conforme o documento da Secretaria de Educação (Seme), considerando o nível de fluência linguística de cada etapa.

4 As Diretrizes Curriculares da Educação Infantil e as do Ensino Fundamental/EJA se constituem instrumentos organizadores da ação educativa, assegurando unidade na rede municipal de ensino, além de estabelecerem correlação com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Esses novos documentos curriculares estão alinhados aos princípios da educação pública municipal e atendem ao propósito da valorização da vida, sustentado na tríade ciência, cultura e humanidades.

A classe gramatical dos adjetivos

Sem a abordagem estilística, o estudo da sintaxe não enriquece a linguagem dos alunos e, privado de qualquer tipo de significado criativo, não lhes ajuda a criar uma linguagem própria; ele os ensina apenas para analisar a linguagem alheia já criada e pronta (Bakhtin, 2019, p. 28).

A partir da citação, rejeitamos a ideia de um ensino que privilegia a gramática normativa. Propomos seguir na direção inversa, ou seja, considerar que a língua se constitui entre os sujeitos que participam com suas experiências e vivências. Assim, concordamos com Bakhtin (2019) quando afirma que a apropriação da língua na sua forma mais criativa precisa considerar um ensino contextualizado e significativo. Nesse cenário, as escolhas intencionais dos professores por um conteúdo gramatical “[...] podem e devem ser analisadas do ponto de vista das suas possibilidades de representação e expressão, isto é, esclarecidas e avaliadas de uma perspectiva estilística (Bakhtin, 2019, p. 24).

Neste trabalho, a escolha dos adjetivos como um conteúdo integrado à produção de textos em língua de sinais foi intencional, pois muitos livros com histórias traduzidas em Libras destacam sinais dessa classe gramatical. A escolha também se justifica por ser um dos conteúdos dos objetivos de aprendizado em Libras no Ensino Fundamental descritos nas Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos, que explicam como devem ser combinados para crianças. “A proposta é que a gramática seja compreendida em seu funcionamento e que não seja tratada como um conteúdo em si de maneira descontextualizada das práticas sociais” (Vitória, 2020, p. 127).

O objetivo é fornecer uma compreensão mais ampla e completa para as crianças surdas, facilitando a assimilação do significado em Libras: “A ideia é que a gramática seja discutida junto aos textos” (Vitória, 2020, p. 127).

Os adjetivos são palavras usadas para descrever características, qualidades ou estados de um substantivo. Eles podem indicar tamanho (pequeno, grande), cor (azul, vermelho), sentimentos (feliz, triste), entre outros

aspectos. Por exemplo, na frase “O carro vermelho é rápido”, o adjetivo “vermelho” mostra a cor do carro, enquanto “rápido” mostra sua velocidade. Existem diferentes tipos de adjetivos, como os que indicam qualidades (bonito, forte), os que expressam quantidade (pouco, muito) e os que comparam (mais alto, menos inteligente).

Figura 14 – Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos



Fonte: Vitória (2020).

É fundamental aprender essas características, pois isso contribui para compreensão e expressão mais claras. Por isso, ensinar adjetivos em Libras permite que as crianças desenvolvam narrativas mais ricas, descrevam melhor objetos ou situações, expressem suas opiniões com mais precisão. Além disso, esse aprendizado ajuda a melhorar o texto em Libras, pois os adjetivos tornam a língua mais criativa e rica.

Os adjetivos permitem adicionar detalhes, transmitir emoções e criar imagens mentais mais claras. Eles também ajudam a ter mais informações sobre os sentimentos e as características, tornando o texto mais envolvente e informativo. No caso de crianças surdas, o ensino de adjetivos em Libras enriquece a comunicação, o que é essencial para a construção de narrativas e diálogos.

Esperamos que, com nossa pesquisa, outras contações de histórias em Libras continuem a ganhar espaço e reconhecimento. Após essas considerações sobre as escolhas metodológicas, apresentamos, a seguir, as análises realizadas e os resultados obtidos, desde a concepção e a elaboração até a produção do material didático. Por fim, fazemos algumas

reflexões sobre a melhor forma de utilizar o material de modo a contribuir para o processo de escolarização das crianças surda.

Análise dos vídeos escolhidos

Nesta seção, descreveremos os procedimentos adotados para a elaboração do nosso material. Inicialmente, realizamos uma análise de materiais disponíveis nas redes sociais que apresentam a contação de histórias em Libras realizada por pessoas. Neste item, analisamos três vídeos (*A cigarra e a formiga*, *A ilha silenciosa* e *Pedroca, o menino que sabia voar*) em que professores ou alunos surdos contam histórias literárias por meio de imagens. Começar nossa pesquisa com a análise desses vídeos foi importante, pois revelou diferentes abordagens para contar a história e como escolheram a estética do vídeo. A seguir, apresentaremos as análises de cada vídeo, destacando as escolhas dos sinalizadores.

A cigarra e a formiga



A narrativa em Libras da fábula *A cigarra e a formiga*, disponível no *YouTube*, foi protagonizada por um menino talentoso que conseguiu transmitir a essência da história de forma clara e envolvente. Ele usou expressões faciais, gestos e movimentos corporais que capturaram minha atenção desde o início. A gravação e a edição, realizadas por profissionais, foram de alta qualidade, proporcionando uma experiência visual excelente. A atuação do menino protagonista na narrativa em Libras é de grande importância, atuando como um modelo exemplar para outras crianças; no entanto, o entendimento da história foi um pouco comprometido pela falta de contexto visual.

A ausência de imagens complementares à narrativa em Libras dificultou o acompanhamento da sequência da história. Parecia que parte da estrutura narrativa se perdeu devido à ausência de elementos visíveis que poderiam reforçar a compreensão. Uma possível solução seria integrar melhor a história, com imagens ou ilustrações do livro aparecendo ao lado da narração em Libras, facilitando o entendimento de forma mais clara e fluida.

A ilha silenciosa



A narrativa em Libras da fábula *A ilha silenciosa* é uma das muitas produções que ressaltam a importância da representatividade e da inclusão na arte e na cultura. Narrada por uma pessoa surda, a história é contada com uma riqueza de detalhes e expressões que somente a Libras pode proporcionar.

A narrativa surda *A ilha silenciosa* tem uma imagem não muito boa para visualização, provavelmente devido à qualidade da câmera. O fundo branco atrapalha por causa da luz, e a pele branca dificulta ainda mais o visual. A imagem está pequena e precisa ser maior para uma melhor visualização. Além disso, é problemático que a imagem entra e sai, entra e sai o tempo todo. O ideal seria que a imagem ficasse parada, apenas trocando quando necessário, sem desaparecer e voltar constantemente. Isso reduziria as distrações e melhoraria a experiência visual.

O fundo também precisa ser mais escuro ou conter uma imagem para evitar que a luz do teto atrapalhe. É importante gravar em um local com mais qualidade, com um bom foco, evitando qualquer ambiente simples que prejudique a visualização dos surdos. A falta de qualidade pode dificultar a compreensão, pois os detalhes não ficam claros.

Pedroca, o menino que sabia voar



A narrativa *Pedroca, o menino que sabia voar* foi apresentada em Libras pela TV Ines. Cheia de imaginação e encantamento, essa história destaca a importância de contatos acessíveis e inclusivos para todas as crianças, especialmente para a comunidade surda. Embora o livro, escrito por Karolina Cordeiro, esteja bem apresentado, algumas configurações são necessárias. A imagem no fundo é boa, mas falta a presença constante do livro ao lado da narrativa. Em vários momentos, a imagem desaparece, deixando uma narrativa isolada, e depois reaparece, apenas para sumir novamente.

Isso prejudica o acompanhamento da história. Seria importante que a imagem do livro e a narrativa em Libras fossem exibidas simultaneamente para facilitar a compreensão do conteúdo. Além disso, a imagem do livro é pequena e precisa ser ampliada para fornecer uma melhor visualização. Outro ponto a ser melhorado é a apresentação da história em Libras. É necessário usar mais expressões visuais e corporais e apresentar sinais de forma mais natural, garantindo que o conteúdo seja compreendido de maneira clara e envolvente.

Os vídeos analisados foram importantes porque mostram as escolhas que os autores fizeram quanto à imagem e à forma de contar suas histórias. O trabalho está muito bom, porém pode melhorar quanto ao uso da imagem e da Libras. Sabemos que há diferentes estratégias, mas, para a criança, é importante que a imagem e a história em Libras apresentem um contexto.

Produção dos vídeos

Após analisar os vídeos, decidimos produzir duas histórias em Libras como literatura visual. Pesquisamos o melhor nome para um livro sem legendas em português, contendo apenas imagens, para que os alunos compreendessem melhor de forma visual. Decidimos pelos livros *O encontro* e *As aventuras de Bambolina*, de Michele Iacocca, porque gostamos da clareza visual que ele fornece. Foram criados dois materiais: um para o 1º ano e outro para o 5º ano.

Gravamos um vídeo completo com a história do livro *As aventuras de Bambolina*, apresentando os sinais de forma básica para as crianças menores, já que ainda não são fluentes. Para o 5º ano, incluí mais sinais em Libras, pois eles já têm um bom conhecimento e contato com a língua. O objetivo foi integrar os sinais ao contexto visual, permitindo melhor compreensão. O vídeo tem 10 minutos de duração.

Terminamos os dois vídeos. Inicialmente, achamos que estavam prontos. Começamos avaliando o vídeo do 1º ano e percebemos que ele ficou um pouco longo, com muitas imagens pesadas e muitos detalhes para crianças pequenas. Isso pode dificultar a atenção das crianças, já que estão apenas começando a aprender Libras. Quadros (2006) explica como a criança surda desenvolve a língua de sinais de acordo com a idade. Por isso, é importante que o professor escolha a história considerando a idade das crianças. Abramovich (2009) afirma que podemos escolher qualquer história para contar à criança, porque quem escolhe é o narrador, mas vídeos muito longos podem atrapalhar o foco e não alcançar o objetivo educativo desejado.

Já o segundo vídeo — para o 5º ano — também foi avaliado novamente. Ele ficou adequado para crianças surdas dessa faixa etária, que já cresceram e têm maior conhecimento de Libras. O vídeo tem 10 minutos de duração, mas, ainda assim, é adequado, pois elas conseguem acompanhar bem os sinais.

Decidimos cancelar o vídeo do 1º ano baseado no livro *As aventuras de Bambolina*. Resolvemos começar a pesquisar um livro mais leve e com

uma história mais simples para essa faixa etária, com duração menor para manter a atenção das crianças. Após pesquisar por algum tempo, encontramos outro livro do mesmo autor, Michele Iacocca, intitulado *O encontro*. Começamos a gravar novamente o vídeo. Depois de assistirmos aos dois vídeos, percebemos algumas diferenças importantes. No vídeo do 1º ano, não mencionamos o nome do autor, apenas explicamos o tema e a história. Já no do 5º, mencionamos o nome do autor, o tema e contamos a história.

Acreditamos que, para o 1º ano, não era necessário falar o nome do autor, pois as crianças ainda não entendem o significado, porém é importante incluir o nome do autor e outras informações relevantes, mesmo para crianças pequenas, para garantir que todas, ouvintes ou surdas, recebam as mesmas informações. Também é importante ensinar às crianças, desde o 1º ano, a importância do autor. Quadros (2006, p. 25) defende que as crianças surdas serão autoras de suas próprias histórias, pois os contadores de história de hoje vão “[...] se transformar em fonte de inspiração literária dos alunos de amanhã”. Reavaliamos essa questão e refletimos sobre a razão da autora, percebendo que ela está certa. Dessa forma, o vídeo *O encontro* foi gravado novamente.

No primeiro vídeo — *O encontro* —, destinado a crianças surdas de 6 anos, alunos do 1º ano do Ensino Fundamental, optamos pela estratégia de combinar Libras com imagens visuais para facilitar a compreensão, considerando que muitas crianças surdas dessa idade ainda não dominam a língua de sinais devido à falta de exposição em casa. No 1º ano (Ano I), os alunos estão começando a aprender Libras e o professor deve usar estratégias claras e com sinais simples para facilitar o processo de aprendizagem.

O segundo vídeo — *As aventuras de Bambolina* — é direcionado para crianças de 11 anos, alunos do 5º ano do Ensino Fundamental. Nossa abordagem foi diferente: explicamos histórias em Libras de forma natural, combinando informação e visual. Como essas crianças já tiveram contato com professores surdos e bilíngues, elas possuem melhor domínio da língua de sinais. No 5º ano, os alunos estão consolidando seu conhecimento em Libras. O professor pode utilizar estratégias mais avançadas, explorando sinais mais complexos para que os alunos compreendam. Nosso objetivo

é aumentar seu vocabulário em sinais através de histórias de literatura, utilizando livros que complementam a narrativa em Libras.

Dessa forma, as crianças recebem sua própria cultura e identidade em Libras, transmitidas por professores surdos. O professor de Libras gravará vídeos em Libras, abordando os sinais específicos de termos presentes nas histórias. Esses vídeos ajudarão as crianças surdas a entenderem melhor os sinais, facilitando a compreensão da narrativa em língua de sinais.

Condições de produção

O processo de produção de vídeos desencadeia diversas necessidades. Acreditamos ser imprescindível, entre elas, refletir sobre as condições concretas que as escolas devem ter para uma produção com qualidade.

Nesta pesquisa, o espaço utilizado foi o laboratório de tradução em Libras da Ufes, que conta com uma infraestrutura de alta qualidade. O local é equipado com televisão e materiais de apoio, como livros ilustrados, que auxiliam no resgate das histórias e facilitam a organização das ideias. Além disso, o ambiente é climatizado, o que proporciona mais conforto e favorece a concentração. Essa atmosfera é mais relaxante e focada significativamente no estudo, na pesquisa e no planejamento das melhores estratégias para apresentar as histórias de forma eficiente.

A sala de aula não oferece as condições ideais, o que acaba prejudicando tanto os alunos quanto os professores durante as atividades. A falta de um espaço adequado dificulta a gravação de vídeos, pois não há uma sala específica para esse fim; e, quando há disponibilidade de sala, ela já está ocupada. Essa situação afeta o foco e o rendimento.

Na Secretaria Municipal de Educação (Seme), sabe-se que alguns professores surdos são fluentes em Libras. No entanto, é evidente que faltam material e infraestrutura adequada para a gravação de vídeos. Não há um espaço específico para isso, e os professores acabam utilizando seus próprios recursos.

É importante ressaltar que é responsabilidade da escola fornecer os materiais e a infraestrutura adequados para a educação surda. Portanto, é

essencial que as secretarias de educação ofereçam um espaço adequado para gravação de vídeos ou, pelo menos, criem estratégias para evitar que a falta de recursos prejudique a produção.

Essa situação precisa ser corrigida com urgência, pois o trabalho dos professores surdos deve ser reconhecido. É essencial ter um espaço adequado para realizar a gravação de vídeos de maneira tranquila e eficiente, sem as limitações impostas pela falta de estrutura atual.

No Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), há um espaço adequado para gravação de vídeos, com uma boa estrutura. No entanto, infelizmente esse espaço não está disponível, pois está cheio de objetos e vídeos antigos armazenados. É necessário organizar o ambiente para deixá-lo livre e funcional para a gravação. É fundamental resolver essas questões para garantir que o ambiente de gravação seja bem cuidado e climatizado, pois ele é muito importante para nós. Não podemos deixar o espaço sem utilização.

A contação de histórias

Livro *O encontro* (para o 1º ano do Ensino Fundamental)

Figura 15 – Print da gravação da contação da história *O encontro*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Esse vídeo é para o 1º ano, para crianças que ainda não são fluentes em Libras, mas que podem entender o conteúdo visual. Os sinais são apresentados de forma mais leve, com expressões corporais para facilitar a compreensão. As crianças surdas podem acompanhar o vídeo junto ao

professor de Libras, que estará ao lado para ajudar se necessário, promovendo a comparação e o apoio.

Figura 16 – *Print 1 do vídeo: cena da história O encontro*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Nesse vídeo, o professor de Libras apresenta-se ao lado das imagens, apontando para elas como se estivessem conversando diretamente. O objetivo é criar a impressão de que ele está presente, como em uma apresentação presencial, mas no formato de vídeo. Tudo está mostrado de forma clara e devagar para que as crianças surdas compreendam melhor o contexto, interajam com as imagens e sintam que o professor está conversando diretamente com elas.

Não é necessário incluir legendas, pois o foco é totalmente em Libras. As crianças do 1º ano estão começando a aprender a língua de sinais, por isso o visual é mais eficaz para manter sua atenção. Como ainda têm dificuldade com o português, as legendas não são necessárias. Focar em Libras torna o conteúdo mais claro e facilita a compreensão, já que a língua de sinais é sua primeira língua.

Figura 17 – *Print 2 do vídeo: cena da história O encontro*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Esse vídeo mostra claramente o sinal de “CALMA” em contexto com as imagens, facilitando a compreensão para as crianças surdas. Esse exercício visa estimular o vocabulário e ajudar as crianças a entenderem como os adjetivos são usados para descrever elementos visuais, sempre relacionados, sem a preocupação com a nomeação ou classificação da classe gramatical dos adjetivos. O foco será uma prática constante para que as crianças surdas possam se familiarizar cada vez mais com a estrutura das histórias em Libras e com o uso dos adjetivos.

Livro *As aventuras de Bambolina* (para o 5º ano do Ensino Fundamental)

Figura 18 – Print da gravação da história *As aventuras de Bambolina*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Esse vídeo é destinado ao 5º ano e voltado para crianças avançadas em Libras, que compreendem o conteúdo da história *As aventuras de Bambolina*. Os sinais são apresentados de forma mais detalhada do que em uma conversa cotidiana em Libras, com uso de estruturas corporais para facilitar a compreensão. As crianças surdas poderão assistir ao vídeo junto com o professor de Libras, que se apresentará para oferecer apoio e ajudar a esclarecer dúvidas, promovendo a comparação e o apoio.

As crianças do 5º ano estão iniciando o aprendizado do português escrito e ainda têm dificuldades na língua portuguesa, mas o contato diário com o idioma ajuda-as a aprender. Focar em Libras torna o conteúdo mais acessível, já que é sua primeira língua, enquanto o português é trabalhado como segunda língua. Para essa tarefa, é fundamental o trabalho colaborativo com a equipe bilíngue da escola, identificando os adjetivos e compreendendo o

conceito de cada palavra na frase. Esse exercício visa enriquecer o vocabulário e mostrar como os adjetivos são usados para descrever elementos visuais. O objetivo é a prática constante para que as crianças surdas se familiarizem cada vez mais com a estrutura do texto em Libras.

Figura 19 – *Print do vídeo: cena da história As aventuras de Bambolina*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

Esse vídeo mostra claramente o sinal de “BONITO” em contexto com as imagens, facilitando a compreensão para as crianças surdas. Para finalizar nossa pesquisa, construímos uma sequência de atividades com cada história, que pode ser realizada para atingir os objetivos que escolhemos: produção de texto em língua de sinais e o uso da classe gramatical dos adjetivos. É importante explicar que, com a contação de histórias, o professor pode trabalhar com qualquer conteúdo, mas é preciso garantir que a língua de sinais e a língua portuguesa escrita sejam ensinadas a partir dos textos. Essa é a nossa defesa.

O objetivo geral deste trabalho é investigar a produção de um material visual que represente a identidade do sujeito surdo, servindo de apoio para professores surdos na criação de vídeos voltados ao desenvolvimento linguístico da criança surda. Para alcançá-lo, foram definidos os seguintes objetivos específicos: (I) investigar o papel do professor surdo na produção de materiais em Libras, destacando sua importância no desenvolvimento de recursos educacionais; (II) criar, como produto educacional, um vídeo em Libras que funcione como recurso visual para crianças surdas, explorando a experiência relacionada à produção de vídeos com imagens. Com as respostas obtidas, buscamos contribuir para a elaboração de novos vídeos que apresentem uma estrutura visual adequada, tornando-se materiais didáticos essenciais para o desenvolvimento dos educandos surdos.

As crianças surdas produzem textos, tanto em português escrito quanto em Libras, demonstrando que conseguem expressar suas ideias por meio de histórias sinalizadas e relatos de experiências próprias. Elas aprendem a perguntar e responder, especialmente em língua de sinais, o que destaca a importância de também produzir textos escritos. É fundamental que elas saibam expor suas opiniões e explicar os textos que produzem. Os professores surdos, os professores bilíngues e os intérpretes de Libras desempenham um papel essencial na mediação da língua de sinais, garantindo o uso adequado da Libras. A produção de textos, seja em língua de sinais, seja na forma escrita, não se resume apenas a palavras ou sinais isolados. É necessário trabalhar de forma coletiva com os professores para que as crianças possam desenvolver suas habilidades textuais.

Por isso, a contação de história de livros de literatura ajuda muito, pois permite que as crianças desenvolvam diversas formas de expressão. Elas aprendem a compartilhar experiências, tanto dentro da comunidade surda quanto com outras pessoas, e conseguem melhorar sua comunicação com professores bilíngues, sabendo explicar suas ideias com mais clareza.

É importante que pratiquem antes de produzir textos, como vídeos em Libras, que são extremamente úteis. Assistir a esses vídeos ajuda a corrigir o vocabulário em sinais, ampliando o conhecimento. Além disso, contribui para desenvolver a postura adequada ao apresentar em Libras, fortalecendo a autoestima e a confiança. Minha experiência na produção de vídeos em Libras, explorada em minha pesquisa, representa um grande desafio, mas também uma responsabilidade significativa. Esse conhecimento pode beneficiar professores surdos ao oferecer um guia prático sobre como criar vídeos em Libras dentro de um processo de ensino voltado para a educação bilíngue, valorizando a cultura e a identidade surda.

O objetivo principal é fornecer acesso às ferramentas que possibilitem a criação de narrativas em Libras, promovendo a interação entre professores surdos e comunidade por meio de vídeos acessíveis. Além disso, é fundamental que professores surdos conheçam histórias literárias que possam ser adaptadas para Libras, pois isso contribui para que os alunos desenvolvam expressividade corporal, ampliem seu vocabulário em sinais e fortaleçam suas habilidades de comunicação.

A produção de vídeos em Libras é, portanto, uma ferramenta poderosa para a educação de surdos. Ela oferece um acesso visual direto à aprendizagem e, quando realizada com metodologia bem planejada e recursos adequados, permite a criação de conteúdos dinâmicos e envolventes que promovem a inclusão e o desenvolvimento educacional da comunidade surda. Embora não faça parte da pesquisa, é importante que, após a conclusão do vídeo em Libras, ele seja apresentado ao aluno surdo, que poderá auxiliá-lo, avaliando sua recepção e compreensão. A sequência de atividades e o processo de produção dos vídeos estão organizados em um guia didático, temas do próximo capítulo.

CAPÍTULO 2.

GUIA DE PRODUÇÃO DE VÍDEOS E ATIVIDADES PARA ALUNOS SURDOS DO 1º ANO E 5º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Introdução



Este produto educacional é um desdobramento da pesquisa intitulada *Vídeos educativos e literários em Libras com foco na compreensão visual*. A pesquisa teve como proposta investigar a produção de um material visual em Libras que represente a identidade do sujeito surdo, servindo de apoio para professores surdos na criação de vídeos voltados ao desenvolvimento linguístico da criança surda. Nesse sentido, este guia didático, além de proporcionar um material importante para uso no ensino

de crianças surdas, também poderá ajudar outros professores surdos a criarem vídeos em Libras com uso do recurso visual pedagógico.

A contação de histórias foi o ponto de partida, e todo o material foi pensado para estudantes do 1º e do 5º ano do Ensino Fundamental, respeitando o nível exigido e os documentos norteadores para o ensino de Libras para crianças surdas. Acreditamos que a escolha pelo texto como unidade de ensino pode colaborar para o desenvolvimento da criatividade e da imaginação da criança surda, como também para a fluência na língua de sinais. Acreditamos que é um material extremamente interessante para ensinar o conteúdo em Libras com o trabalho colaborativo da equipe bilíngue, isto é, com a professora de Língua Portuguesa na modalidade escrita.

Atualmente, vemos que a produção de materiais em Libras tem sido limitada, mas há um movimento crescente. Poucos exemplos são divulgados, como no *YouTube* ou nas escolas bilíngues, que puderam promover mais a produção de vídeos em Libras e a contação de histórias literárias. Os professores surdos também precisam explorar mais o conhecimento sobre a contação de histórias literárias, sobre como contar histórias em língua de sinais e sobre a própria cultura e identidade surda. Além disso, há uma carência de materiais em Libras, pois, enquanto há muitos livros literários em português para ouvintes, onde estão os materiais para surdos? Por isso, precisamos de mais informação e produção em Libras para que as crianças surdas possam aprender e entender a sua própria língua e cultura, além de ter acesso à contação de histórias literárias.

Percebemos também que alguns professores de Libras enfrentam dificuldades para produzir vídeos com qualidade visual adequada. Já vimos alguns vídeos simples, nos quais a imagem estava ruim, o que prejudica a compreensão. Além disso, expressões faciais e movimentos corporais são essenciais na comunicação em Libras, mas, em vídeos de baixa qualidade, esses detalhes não ficam claros. É necessário estimular o aprendizado visual com a orientação de um professor de Libras.

Sendo assim, o desenvolvimento e a qualidade dos materiais de vídeo produzidos pelo professor surdo para a utilização da criança surda são de extrema importância, pois o professor surdo tem por base tanto

a identidade surda quanto a cultura surda. Este guia tem por princípio colaborar com um passo a passo para produzir e usar materiais visuais com as crianças surdas. Aprender e estudar Libras é necessário, mas é essencial que os recursos estejam acessíveis para a comunidade surda. Eles precisam de mais elementos visuais para entender, de forma mais clara, o discurso em língua de sinais.

Assim, o objetivo geral deste guia é apresentar dois vídeos de literatura infantil que representem a identidade do sujeito surdo, servindo de apoio para professores surdos na criação de vídeos voltados ao desenvolvimento da criança surda, além de uma proposta de ensino de produção de texto em língua de sinais sobre a classe gramatical dos adjetivos.

Para fundamentar nosso material, dialogamos com dois teóricos no campo discursivo e no campo das novas tecnologias. Assim, aproximamo-nos de Bakhtin (1981) e de Moran (2000) para compreender os caminhos possíveis para a produção de materiais audiovisuais que permitam um trabalho educativo dialógico e responsivo. Para refletir sobre o protagonismo surdo, fundamentamo-nos nos conceitos de literatura surda.

Adotamos a pesquisa exploratória com o objetivo de compreender e experimentar diferentes possibilidades na produção de vídeos em Libras, identificando práticas, ferramentas e abordagens eficazes para criar materiais acessíveis e de qualidade. O foco está em explorar como organizar e apresentar conteúdos em Libras de forma clara e visualmente compreensível, evitando falhas que comprometam a comunicação.

Por meio do estudo de caso, investigamos o processo de criação, organização e apresentação de materiais visuais voltados para a comunidade surda. Essa metodologia possibilita identificar desafios, práticas e soluções específicas que podem ser aplicadas em contextos similares.

O material utilizado para a produção do vídeo foram os livros sem texto intitulados *O encontro* e *As aventuras de Bambolina*, ambos de Michele Iacocca.

Etapas técnicas para a produção dos vídeos



A respeito do processo de gravação dos vídeos em Libras, é preciso compreender a sua importância. Considerando a Libras como língua de instrução, a mediação de ensino do professor surdo para professor surdo e a produção dos vídeos em Libras passam pelo processo de tradução. Ainda outros pontos são igualmente importantes para a criação do material de vídeo em Libras. A gravação precisa ter qualidade, o material precisa ser criativo e interessante para que a criança surda se sinta estimulada e interessada em aprender. São pontos que precisam ser considerados na elaboração de um material de vídeo em Libras.

Equipamentos e recursos de gravação

1º Celular

É fundamental usar um celular de boa qualidade para gravar os vídeos. Evite celulares simples, pois a baixa qualidade de imagem pode comprometer a visualização. Se possível, opte por uma câmera filmadora profissional, que pode ser emprestada pela escola, especialmente para gravações na sala de AEE ou outro ambiente na sala.

Figura 20 – Celular



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

2º Tripé

Evite segurar o celular com a mão ao gravar, pois o movimento pode prejudicar a qualidade visual do vídeo. Manter o celular firme e no tripé é fundamental para uma gravação estável e de fácil compreensão.

Figura 21 – Tripé



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

3º Kit de iluminação de vídeo



Na sala de AEE, não é necessário usar iluminação extra, pois as luzes do teto são suficientes, e o ambiente não fica muito escuro. A iluminação natural da sala permite uma boa qualidade visual para a gravação.

No entanto, é importante avaliar a iluminação de outros ambientes da escola. Se a sala estiver escura, será necessário utilizar um *kit* de iluminação para garantir uma boa visibilidade no vídeo. Portanto, sempre analise as condições de luz antes de iniciar a gravação.

Figura 22 – *Kit de iluminação*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

4º Chroma Key



Na sala de AEE, é possível utilizar um fundo de *chroma key* feito de TNT verde-escuro. Embora não seja tão eficaz quanto *chroma key* profissional (verde-claro), essa alternativa pode ser usada na escola, pois o TNT também ajuda a obter um bom resultado. Sempre que possível, utilize dois pedaços de TNT de verde-escuro, já que muitas escolas costumam ter esse material disponível. Dessa forma, é possível criar um fundo adequado para gravação.

Figura 23 – *Chroma Key*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

5º *Notebook*

É importante utilizar um *notebook* ou computador de boa qualidade, que permita uma edição rápida e eficiente, sem grandes esforços. Se o *notebook* ou computador for de baixa qualidade, pode ser necessário trabalhar com frequência, dificultando o processo de edição e comprometendo o resultado. Antes de começar, é essencial analisar se o equipamento está em boas condições para realizar a edição de forma fluida e no tempo necessário, sem atrasos ou interrupções.

Figura 24 – *Notebook*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

6º *CapCut*

Eu uso o *CapCut* para edição de vídeos, pois é mais fácil manusear, em comparação com outros programas. Embora as palavras de configuração estejam em inglês, é possível entender e adaptar com a prática, tornando o uso mais simples.

Você pode procurar no *site* para baixar o *CapCut*, que é grátis e não exige pagamento de mensalidade no seguinte endereço: <https://www.capcut.com/pt-br/tools/video-editor-download>.

Figura 25 – CapCut



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

7º QR Codes



Se for necessário usar *QR Codes* em um livro, você deve incluí-los para facilitar o acesso a conteúdos digitais. Para criar os *QR Codes*, basta acessar um *site* que gera *QR Codes*. Você pode copiar e colar o *link* desejado, e o processo é bem simples. Existem alguns *sites* que cobram pela criação de *QR Codes*, mas você pode usar o <https://br.qr-code-generator.com/>.

Figura 26 – QR Codes



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

8º Ambiente de gravação

É importante buscar um local que não seja muito pequeno, pois isso pode resultar em pouca iluminação e comprometer a qualidade do vídeo. Procure um espaço livre e amplo para facilitar a gravação. Evite colocar objetos na parede ao fundo, pois isso pode interferir na imagem. O ideal é deixar a parede livre para aplicar o fundo verde (*chroma key*).

Figura 27 – Ambiente de gravação



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

9º Apresentação do professor ou da criança surda



O professor ou a criança surda que são os protagonistas do vídeo precisam manter uma postura adequada durante a apresentação. É importante usar uma camisa preta ou de cor sólida, evitando roupas com muitas cores ou estampas, pois isso pode atrapalhar o visual e dificultar a edição, especialmente com o fundo verde (*chroma key*).

Além disso, para evitar distrações na imagem, é proibido o uso de acessórios como relógios ou outros objetos visíveis. A camisa preta garante um visual mais limpo e facilita a edição do vídeo.

Figura 28 – Apresentação do professor ou da criança surda



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

10º Canva

O Canva é muito útil, por exemplo, para colocar fotos ao lado de textos ou *QR Codes* ou para criar imagens organizadas de forma atraente. Se você ainda não tem uma conta no Canva, pode acessar o *site* e se cadastrar. A versão completa é paga, mas, se você trabalha em um órgão público ou na prefeitura, pode obter acesso gratuito. Basta cadastrar-se com seu *e-mail* institucional e fornecer comprovantes de que você trabalha no setor.

Figura 29 – Canva



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

11º Canva, insira o livro *As aventuras de Bambolina*



Se houver o PDF do livro *As aventuras de Bambolina*, poderá inseri-lo no Canva, por exemplo. Organize as imagens de forma clara e adequada, garantindo que fiquem bem.

Após concluir a edição, salve o arquivo em uma pasta específica para *As aventuras de Bambolina*. Evite classificar em outras pastas, pois isso pode causar confusão e dificultar a localização do arquivo posteriormente, especialmente quando precisar acessá-lo para futuras edições.

Figura 30 – Canva, insira o livro *As aventuras de Bambolina*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

12º CapCut, insira o livro *As aventuras de Bambolina*

Quando o trabalho no Canva estiver pronto e você tiver as imagens do livro *As aventuras de Bambolina*, você pode transferi-las para o CapCut para edição. Basta procurar na pasta *As aventuras de Bambolina* e inserir os arquivos que já estão prontos na edição.

Figura 31 – CapCut, insira o livro *As aventuras de Bambolina*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

13º PDF do livro para estudar e apresentar em Libras



Você pode encontrar vários PDF de livros de literatura gratuitos em *sites* ou comprá-los em livrarias *online*. Escolhi *As aventuras de Bambolina* gratuitamente e comprei o livro *O encontro* em uma loja *online*.

Em seguida, estude e pratique a história do livro. Não podemos contar histórias “de qualquer jeito” (Abramovich, 2009). Pense em como apresentá-la em Libras, utilizando as imagens de *As aventuras de Bambolina* como guia, sem depender do texto escrito em português. Ao observar as imagens, desenvolva uma estratégia para expressar a narrativa em Libras, preservando a essência da história.

Figura 32 – PDF do livro



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

14º CapCut, insira o vídeo

Durante a gravação, apresente a história em Libras com uma parede verde ao fundo. Após gravar toda a história de *As aventuras de Bambolina*, transfira o vídeo para o CapCut. No programa, use uma imagem de *As aventuras de Bambolina*, removendo o fundo verde e inserindo o vídeo junto com a imagem do livro. Dessa forma, sua apresentação em Libras e as ilustrações de *As aventuras de Bambolina* ficarão lado a lado.

Figura 33 – CapCut, insira o vídeo



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

15º Vídeo pronto



Quando o vídeo estiver pronto, é importante avaliar novamente para verificar se tudo está correto com a Libras e se as imagens estão sem defeitos, evitando qualquer prejuízo visual ou erros na ordem da história. Faça uma revisão completa.

Figura 34 – Vídeo pronto



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

16º CapCut, faça a legenda

Quando o vídeo estiver pronto, você pode adicionar legendas em português para complementar a apresentação em Libras, evitando confusões na narrativa. As legendas devem servir como um guia e, para isso, é importante pausar o vídeo e inserir as legendas na sequência correta da história. Lembre-se de que não é necessário incluir a voz, pois o foco é a Libras. A inclusão de legendas depende do perfil dos alunos, considerando se eles têm facilidade para ler ou não. Em nosso material, não utilizamos a legenda.

Figura 35 – CapCut, faça a legenda



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

17º CapCut, faça a revisão do vídeo

Quando o vídeo com as legendas estiver finalizado, é obrigatório fazer uma revisão completa para garantir que a combinação entre português e Libras esteja correta. É preciso assistir com calma para evitar confusões. Se tudo estiver certo, o vídeo já estará pronto.

Figura 36 – *CapCut*, faça a revisão do vídeo



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

O vídeo em Libras *Aventuras de Bambolina* pode ser colocado no *YouTube* como um registro da história, evitando a perda do vídeo. O *YouTube* é mais seguro, pois mantém os vídeos armazenados, e você também pode salvá-los na memória do HD para garantir que tenha uma cópia local.

Sequência de Atividades 1



Tema: livro *O encontro*

Idade / turma: Alunos surdos matriculados nas séries iniciais do Ensino Fundamental, 6 anos de idade e 1º ano (ações desenvolvidas no AEE em contraturno);

Objetivos:

- apresentar a importância da literatura para as crianças da história *O encontro*;
- explicar o uso de expressões faciais e corporais em Libras;
- trabalhar os sinais de classificadores em Libras;
- produzir de forma criativa a sequência da história trabalhada;
- conhecer diferentes formatos e versões para contar histórias;
- conhecer informações sobre amor, carinho e respeito com os animais e as pessoas;
- aprender a usar a classe gramatical do adjetivo.

a) A aula será iniciada com a apresentação do livro. Vamos conhecer o autor?

Figura 37 – Apresentação do autor Michele Iacocca



Fonte: Michele [...] (acesso em: 10 fev. 2025).

Michele Iacocca⁵ é um chargista, ilustrador, tradutor e escritor italiano radicado no Brasil. Iacocca mudou-se para o Brasil em 1968, começando sua carreira profissional no ano seguinte. Além de trabalhar com charges e quadrinhos em diversos periódicos, também escreveu e ilustrou mais de 200 livros, em sua maioria infantis. Em 2009, passou a fazer parte da Lista de Honra do *International Board on Books for Young People*. Em 2023, Iacocca ganhou o 35º Troféu HQ Mix na categoria de grande mestre do quadrinho nacional.

O livro será apresentado por meio de uma contação de história em Libras, usando o contexto de expressões faciais e classificadores.

Figura 38 – Contação de histórias em Libras do livro *O encontro*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

5 MICHELE Iacocca. Disponível em: <https://maralto.com.br/autores/michele-iacocca/>. Acesso em: 10 fev. 2025.

Após a apresentação da história, será desenvolvida uma roda de conversa com mediação do professor de Libras para que os alunos expressem:

- O que entenderam da história?
- Quem são os personagens?
- Qual o título? Por que você acha que a história tem esse título?
- O que aconteceu com o encontro? E como foi o final da história?
- Você gostou dessa história? Por quê?

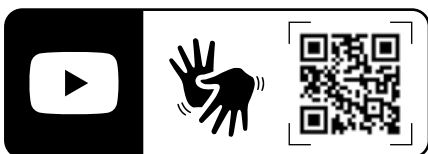


Depois da roda de conversa, será apresentado aos alunos, por exibição em plataforma de vídeos *online* (*YouTube*), o filme *O encontro*, proporcionando-lhes acesso à história em diferentes versões e formatos.

No final da exibição do filme, conversar sobre as duas formas de contar história: livro e vídeo. Perguntar o que eles gostaram mais e por quê.

Os alunos serão orientados a encenar, em formato de teatro, a história estudada. Durante a encenação, eles irão exercitar as expressões faciais e corporais, preparando-se para a apresentação na escola. Se a apresentação for realizada por um ou dois alunos surdos, eles contarão a história individualmente, como em um teatro solo. Caso o grupo tenha quatro ou mais alunos, a história será dividida entre os participantes, com cada um representando uma parte da narrativa de forma colaborativa.

2ª aula



Em outro encontro, o professor apresentará figuras de expressões faciais e classificadores para alunos surdos em formato de jogos para identificar os elementos que compõem a história.

Durante os jogos, os alunos surdos escolherão as figuras que apresentam expressões faciais e classificadores para que os outros alunos surdos tentem identificar.

Figura 39 – Expressões faciais



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

- a. Prepare uma coleção de figuras que ilustram diferentes expressões faciais (feliz, triste, surpreso etc.) e cenas com personagens e objetos da história “*O encontro*” que podem ser representados por classificadores. Imprima ou desenhe as figuras em cartões ou cartolinas.

Figura 40 – *Print* da cena com personagens e objetos da história *O encontro*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

- b. Vamos desenhar?

Figura 41 – Desenho de expressões faciais para representação de sentimentos



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

3ª aula



O objetivo é trabalhar com sentimentos e adjetivos, explorando as características das imagens e incentivando o uso de classificadores e adjetivos em Libras.

1. O professor vai escolher e mostrar uma imagem. Falar por que gosta dessa imagem. Que sentimentos provocam? Amor, carinho e outros.

Figura 42 – *Print* de imagens provocadoras de sentimentos



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

2. Escolha da imagem pelos alunos:

- a. Peça aos alunos que escolham a imagem de que mais gostam e os incentive a falar sobre ela, utilizando Libras;
 - b. Estimule os alunos a descreverem as características da imagem, usando adjetivos e classificadores (por exemplo, “essa pessoa está sorrindo”, “a casa é grande”);
 - c. Incentive os alunos a usarem (criarem?) classificadores para representar as características das imagens, como o tamanho, a forma e a posição dos objetos ou pessoas.
- Quais animais você tem em casa? Quantos são? Como ele é?
 - Você tem avó?
 - Quais brinquedos você tem?

4ª aula



O objetivo é refletir sobre os valores humanos presentes na história, como empatia, cooperação e respeito às diferenças.

- a. Inicie a aula com uma breve recapitulação da história apresentada nas aulas anteriores, destacando momentos em que os personagens demonstraram humanidade (ajuda, respeito, carinho etc.);
- b. Divida os alunos em pequenos grupos e entregue cartões com situações da história que envolvem valores humanos. Peça para que cada grupo discuta o valor presente na cena (exemplo: ajudar, respeitar, compartilhar) e como esses valores podem ser aplicados no dia a dia;
- c. Apresente imagens de situações do cotidiano (exemplo: ajudar um amigo, respeitar filas, compartilhar brinquedos) e peça para os alunos, por meio de classificadores e expressões faciais, representarem essas cenas em Libras;

- d. Finalize com um debate: “Como podemos mostrar humanidade em nossas ações dentro e fora da escola?” Peça aos alunos que compartilhem exemplos práticos e, se possível, relacionem com a história estudada.

Recursos

Livro: *O encontro*

Um computador ou *notebook*;

Materiais impressos sobre as figuras de expressões faciais/corporais e classificadores.

Avaliação

Cada aluno será avaliado pela sua participação nas atividades práticas desenvolvidas em Libras, pelos seus interesses e pelo diálogo.

Sequência de Atividades 2



Tema: livro *As aventuras de Bambolina*

Idade / turma: Alunos surdos matriculados nas séries iniciais do Ensino Fundamental, 10/11 anos de idade e 5º ano (Ações desenvolvidas no Atendimento Educacional Especializado em Contraturno).

Objetivos:

- apresentar a importância da literatura surda através da história *As Aventuras de Bambolina*;
- explicar o uso de expressões faciais e corporais em Libras;
- trabalhar os sinais de classificadores em Libras;
- produzir, de forma criativa, a sequência da história trabalhada;
- conhecer diferentes formatos e versões para contar histórias;
- conhecer informações sobre amor, carinho e respeito com os animais e as pessoas;
- aprender a usar a classe gramatical do adjetivo.

1ª aula

A aula será iniciada com a apresentação do livro.



O livro será apresentado por meio de uma contação de história em Libras, usando o contexto de expressões faciais e classificadores.

Figura 43 – Contação de histórias em Libras do livro *As aventuras de Bambolina*



Fonte: Elaboração dos autores (2025).

- Após a apresentação da história, será desenvolvida uma roda de conversa com mediação do professor de Libras para que os alunos expressem o que entenderam da história, quem são os personagens, qual o nome do título, quem criou a história, o que aconteceu com ela. Ficou triste? Por que ficou feliz? E como foi o final da história?
- Depois da roda de conversa, será apresentado aos alunos, por exibição em plataforma de vídeos online (*YouTube*), o filme *As aventuras de Bambolina*, proporcionando-lhes acesso à história em diferentes versões e formatos;



- c. Conversar sobre as duas formas de contar história: livro e vídeo. Perguntar o que eles gostaram mais e por quê.

2ª aula

Em outro encontro, o professor irá apresentar figuras de expressões faciais e classificadores para alunos surdos para que identifiquem os elementos que compõem a história. Os alunos surdos escolherão as figuras que apresentam expressões faciais/corporais e classificadores para que os outros alunos surdos tentem identificar.

Figura 44 – Figuras de expressões faciais e classificadores para alunos surdos



Fonte: Florêncio (acesso em: 10 fev. 2025).
Adaptação dos autores (2025).⁶

- a. Prepare figuras que ilustrem diferentes expressões faciais (como feliz, triste, surpreso etc.) e cenas da história com personagens e objetos que possam ser representados por classificadores;
- b. Promova interações em que professores e alunos façam perguntas e respostas em Libras, incentivando-os a usar expressões e sinais para criar e contar uma história.

6 FLORÊNCIO. Desenho cartoon: cabeça feminina e expressões. Disponível em: <https://toneladadecartoons.blogspot.com/2011/10/desenhando-cabeca-feminina-e-expressao.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.

3ª aula



O objetivo é trabalhar com sentimentos e adjetivos, explorando as características das imagens e incentivando o uso de classificadores e adjetivos em Libras. Depois de mostrar a imagem, explorar os sentimentos: bonito, feio, limpo, sujo e outros.

Figura 45 – Print do vídeo sobre características das imagens



Fonte: Elaboração dos autores.

“Bonito x “sujo”

Escolha da imagem pelos alunos:

Incentive os alunos a usarem classificadores para representar as características das imagens, como o tamanho, a forma e a posição dos objetos ou pessoas;

Reforce a importância de expressões faciais para complementar os adjetivos e a construção da mensagem em Libras;

Divida os alunos em pequenos grupos e entregue cartões com situações da história que envolvem valores humanos. Peça que cada grupo discuta o valor presente na cena (exemplo: ajudar, respeitar, compartilhar) e como esses valores podem ser aplicados no dia a dia;

Apresente imagens de situações do cotidiano (exemplo: ajudar um amigo, respeitar filas, compartilhar brinquedos) e peça para os alunos, por meio de classificadores e expressões faciais, representarem essas cenas em Libras;

Finalize com um debate: Como podemos mostrar humanidade em nossas ações dentro e fora de casa? Peça aos alunos que compartilhem exemplos práticos e, se possível, relacionem com a história estudada;

4ª aula

O aluno participará da gravação de um vídeo no qual apresentará a narração da história do livro, utilizando classificadores e adjetivos. Além disso, deverá escolher uma parte da história e representá-la por meio de imagens, tentando apresentá-la visualmente.

Recursos



Livro: *As aventuras de Bambolina*

Um computador ou *notebook*;

Câmera de celular

Tripé

Avaliação:

Cada aluno será avaliado pela sua participação nas atividades práticas desenvolvidas em Libras, pelo seu interesse e pelo diálogo.

Referências

A CIGARRA e a formiga. São Carlos: UFSCar, 2023. 1 vídeo (4min 6seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=lePHz9mmwjl&t=18>. Acesso em: 10 fev. 2025.

A DIDÁTICA e os sentidos de ensinar. Vitória: Grupo de Pesquisa em Alfabetização e Educação de Surdos/Ufes, 2020. 1 vídeo (21 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=E1cdfF2BEH>. Acesso em: 10 fev. 2025.

A ILHA silenciosa. [S. l.]: FAEC ArtCultura, 2020. 1 vídeo (4min 15seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=hgiPNrxXgPo>. Acesso em: 10 fev. 2025.

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil, gostosuras e bobices**. 5. ed. São Paulo: Scipione, 2009.

ALBRES, Neiva de Aquino; SARUTA, Moryse Vanessa. **Programa Curricular de Língua Brasileira de Sinais para Surdos**. São Paulo: Instituto Santa Teresinha, 2012.

ARTES: o que é arte? Vitória: Na palma da mão/ Ufes, 2020. 1 vídeo (6min 29seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nl7H6cyljN8&t=274s>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BAKHTIN, M. **Teoria do romance III: o romance como gênero literário**. Tradução, posfácio e notas de Paulo Bezerra; organização da edição russa de Serguei Botcharov e Vadim Kójinov. São Paulo: Editora 34, 2019.

BAKHTIN, Mikhail (V. N. Volochínov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Laud e Yara Frateschi Vieira. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981.

BAKHTIN, Mikhail (V.N. Volochinov). **Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem**. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6. ed. São Paulo: Editora Hucitec, 2010.

BARROS, Luana dos Reis Guss. **Estratégias educacionais, produção de material bilíngue e a atuação de professores de alunos surdos no período da pandemia pelo Covid-19: uma reflexão do papel da escola no município de Vitória-ES**. 2023. 60 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Bilíngue) – Programa de Pós-Graduação em Educação Bilingue, Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2023.

BÉVORT, Evelyne; BELLONI, Maria Luiza. Mídia-educação: conceitos, história e perspectivas. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 30, n. 109, p. 1081-1102, set./dez. 2009. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0101-73302009000400008>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/es/a/5pBFdjL4mWHnSM5jXySt9VF/?lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2026.

BRASIL. **Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002**. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/2002/L10436.htm. Acesso em: 25 set. 2019.

BRASIL. **Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2005. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/2005/decreto-5626-22-dezembro-2005-539842-norma-pe.html>. Acesso em: 10 fev. 2025.

BRASIL. **Lei nº 14.191, de 3 de agosto de 2021**. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), para dispor sobre a modalidade de educação bilíngue de surdos. Brasília, DF: Diário Oficial da União, 2021. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2019-2022/2021/lei/l14191.htm. Acesso em: 10 fev. 2025.

CARDOSO, Alexandre Bet da Rosa. **Vídeo registro em Libras: uma proposta de acesso ao pensamento original aos surdos**. 2016. 121 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016.

CARVALHO, Rosane de. **O uso da Língua Brasileira de Sinais para o sucesso do surdo no processo de alfabetização**. 2011. 10 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Pós-Graduação em Língua Brasileira de Sinais e Educação Especial) – Programa de Pós-Graduação em Língua Brasileira de Sinais e Educação Especial, Faculdade Eficaz, Maringá, 2011. Disponível em: http://gestaouniversitaria.com.br/system/scientific_articles/files/000/000/012/original/ARTIGO_PRONTO_E_CORRIGIDO_sem_logos.pdf?1404525965. Acesso em: 25 set. 2019.

CIÊNCIAS 8º ano: menstruação. Vitória: Na palma da mão/Ufes, 2020a. 1 vídeo (6min 20seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=a89BhPeST-v4&t=243>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CIÊNCIAS 8º ano: ovulação. Vitória: Na palma da mão/Ufes, 2020b. 1 vídeo (3min 50seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=mAYAcKN-xaKo>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CIÊNCIAS 8º ano: sistema reprodutor feminino. Vitória: Na palma da mão/Ufes, 2020c. 1 vídeo (7min 3seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nI7H6cyLjN8&t=274s>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CIÊNCIAS 8º ano: sistema reprodutor masculino. Vitória: Na palma da mão/Ufes, 2020d. 1 vídeo (5min 9seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=MOF6ro4nFsO&t=91s>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CORDEIRO, Jaime. A didática e os sentidos de ensinar. In: CORDEIRO, Jaime. **Didática**. 2. ed. 2. reimp. São Paulo: Contexto, 2013. p. 18–26.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

GONNET, Jacques **Educação e mídias**. Tradução de Maria Luiza Belloni. São Paulo: Loyola, 2004.

GUTIERREZ, Ericler Oliveira. Audiovisual produzido por jovens surdos: um roteiro de inclusão e acessibilidade. **Revista Educação Especial**, [S. l.], v. 32, p. e42/1–17, 2019. DOI: <https://doi.org/10.5902/1984686X30794>. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/30794>. Acesso em: 7 jan. 2026.

GUTIERREZ, Ericler Oliveira. **A produção de textos audiovisuais por professores surdos**. 2022. 287 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2022.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HOFFMEISTER, Robert J.; KARIPI, Spyridoula; KOURBETIS, Vassilis. Materiais curriculares bilíngues que apoiam a língua de sinais como primeira língua para alunos surdos: a integração da tecnologia, aprendizagem e ensino. **Momento – diálogos em educação**, [S. l.], v. 31, n. 2, p. 225–254, 2022. DOI: <https://doi.org/10.14295/momento.v31i02.14306>. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/momento/article/view/14306>. Acesso em: 7 jan. 2026.

IACOCCA, Michele. **O encontro**. São Paulo: Positivo, 2008.

IACOCCA, Michele. **As aventuras de Bambolina**. São Paulo: Ática, 2019.

KARNOPP, Lodenir Becker. Produções culturais de surdos: análise da literatura surda. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 36, p. 155–174, 2010.

LAGE, Waine Pegoretti. **Narrativas em línguas de sinais e a produção de histórias infantis para crianças surdas**. 2023. 165 f. Dissertação (Mestrado Profissional em Educação Bilingue) – Programa de Pós-Graduação em Educação Bilingue, Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2023.

MARQUES, Rodrigo Rosso; OLIVEIRA, Janine Soares de. A normatização de artigos acadêmicos em Libras e sua relevância como instrumento de constituição de *corpus* de referência para tradutores. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE PESQUISAS EM TRADUÇÃO & INTERPRETAÇÃO DE LIBRAS E LÍNGUA PORTUGUESA, 3., 2012, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2012.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. *In*: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica**. Campinas: Papirus, 2000. p. 11-66. (Coleção Papirus Educação).

O PATINHO feio. Vitória: Secretaria Municipal de Educação, 2023. 1 vídeo (3 min 39seg). Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_89y2hzGaGY. Acesso em: 10 fev. 2025.

PEDROCA, o menino que sabia voar. Rio de Janeiro: TV Ines, 2018. 1 vídeo (5min 1seg). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nLJzP9IOpJY>. Acesso em: 10 fev. 2025.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. **O ser e o estar sendo surdos**: alteridade, diferença e identidade. 2003. 156 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2003.

PERLIN, Gladis Teresinha Taschetto. O lugar da cultura surda. *In*: THOMA, A. S.; LOPES, M. C. (orgs.). **A invenção da surdez** – cultura, alteridade, identidades e diferença no campo da educação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

PERLIN, Gladis. STROBEL, Karin. História cultural dos surdos: desafio contemporâneo. **Educar em Revista**, Curitiba, Edição Especial n. 2, p. 17-31, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/0104-4060.37011>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/er/a/qR5cDC7tgf5SyMtrSGvSVFC/?lang=pt>. Acesso em: 7 jan. 2026.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali L. P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. Brasília: MEC, 2006.

RODRIGUES, Ednalva Gutierrez. **A apropriação da linguagem escrita pelas crianças surdas**. 2009. 127 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

ROSA, Fabiano Souto; KLEIN, Madalena. O que sinalizam os professores surdos sobre literatura surda em livros digitais. *In*: KARNOPP, Lodenir; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LAZZARIN, Márcia Lise (orgs.). **Cultura Surda na contemporaneidade**: negociações, intercorrências e provocações. Canoas: Ed ULBRA, 2011. p. 91-112.

SILVA, Arlene Batista. **Literatura em Libras e educação literária de surdos**: um estudo da coleção “Educação de Surdo” e de vídeos literários em libras compartilhados na internet. 2015. 196 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2015.

SILVA, Yéssica Lopes da. **TV INES**: o protagonismo surdo na produção de conteúdo audiovisual que promove informação, cultura e língua. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2018.

STROBEL, Karin Lilian. **Surdos**: vestígios culturais não registrados na história. 2008. 176 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Tradução de Gustavo Gusmão. Petrópolis: Arara Azul, 2021.

TAVEIRA, Cristiane Correia. A formação bilíngue de professores surdos: apropriação das novas tecnologias por meio de práticas pedagógicas com a língua de sinais e do uso de produtos visuais. **Linha Mestra**, [S. l.], ano VIII, n. 24, p. 817-821, jan./jul. 2014. Disponível em: https://linhamestra24.files.wordpress.com/2014/07/linha_mestra_24_19_cole_03_comunicacoes_claudia_diana.pdf. Acesso em: 25 set. 2019.

THOMA, Adriana da Silva. **O cinema e a flutuação das representações surdas**: “Que drama se desenrola neste filme? Depende da perspectiva...”. 2002. 258 f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

VITÓRIA (ES). **Diretrizes Curriculares do Ensino Fundamental e da Educação de Jovens e Adultos**. 2. ed. Vitória: Secretaria de Educação, 2020.

Este livro é o resultado da pesquisa de mestrado profissional realizada por Carlos Eduardo Soares de Barros Guss, sob orientação da professora doutora Ednalva Gutierrez Rodrigues, no Programa de Pós-Graduação Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo. Aborda a produção de vídeos para crianças surdas, discutindo acessibilidade pelo viés da cultura surda, que se constitui por uma língua de modalidade visuoespacial. O autor, professor surdo de Língua Brasileira de Sinais, dialoga com autores do campo da educação midiática e da perspectiva enunciativo-discursiva bakhtiniana para produzir um conhecimento que respeita a especificidade visual dos surdos.

Esta leitura, além de ampliar os conhecimentos sobre a apropriação de linguagens contemporâneas na escola, apresenta um guia para a elaboração de vídeos acessíveis e sugestões de como incorporá-los ao planejamento de aula.



encontrografia

encontrografia.com
www.facebook.com/Encontrografia-Editora
www.instagram.com/encontrografiaeditora
www.twitter.com/encontrografia